

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE GOIÁS
CAMPUS APARECIDA DE GOIÂNIA
PEDAGOGIA BILÍNGUE PORTUGUÊS/LIBRAS

VALÉRIA ALBINO FERREIRA MARTINS

**DISCURSO E HISTÓRIAS EM QUADRINHOS:
LER NÃO É SÓ DECODIFICAR**

APARECIDA DE GOIÂNIA
2021



INSTITUTO FEDERAL
Goiás

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
SISTEMA INTEGRADO DE BIBLIOTECAS

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAÇÃO NO REPOSITÓRIO DIGITAL DO IFG - ReDi IFG

Com base no disposto na Lei Federal nº 9.610/98, AUTORIZO o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, a disponibilizar gratuitamente o documento no Repositório Digital (ReDi IFG), sem ressarcimento de direitos autorais, conforme permissão assinada abaixo, em formato digital para fins de leitura, download e impressão, a título de divulgação da produção técnico-científica no IFG.

Identificação da Produção Técnico-Científica

- | | |
|--|---|
| ☐ Tese | ☐ Artigo Científico |
| ☐ Dissertação | ☐ Capítulo de Livro |
| ☐ Monografia – Especialização | ☐ Livro |
| ☒ TCC - Graduação | ☐ Trabalho Apresentado em Evento |
| ☐ Produto Técnico e Educacional - Tipo: _____ | |

Nome Completo do Autor: Valéria Albino Ferreira Martins

Matrícula: 20171090080143

Título do Trabalho: Discurso e Histórias em Quadrinhos: Ler não é só decodificar

Autorização - Marque uma das opções

1. ☒ Autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG (acesso aberto);
2. ☐ Autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG somente após a data ____/____/____ (Embargo);
3. ☐ Não autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG (acesso restrito).

Ao indicar a opção **2 ou 3**, marque a justificativa:

- ☐ O documento está sujeito a registro de patente.
☐ O documento pode vir a ser publicado como livro, capítulo de livro ou artigo.
☐ Outra justificativa: _____

DECLARAÇÃO DE DISTRIBUIÇÃO NÃO-EXCLUSIVA

O/A referido/a autor/a declara que:

- i. o documento é seu trabalho original, detém os direitos autorais da produção técnico-científica e não infringe os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade;
- ii. obteve autorização de quaisquer materiais inclusos no documento do qual não detém os direitos de autor/a, para conceder ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás os direitos requeridos e que este material cujos direitos autorais são de terceiros, estão claramente identificados e reconhecidos no texto ou conteúdo do documento entregue;
- iii. cumpriu quaisquer obrigações exigidas por contrato ou acordo, caso o documento entregue seja baseado em trabalho financiado ou apoiado por outra instituição que não o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás.

Aparecida de Goiânia, 27/01/2022.

Valéria Albino Ferreira Martins

Assinatura do Autor e/ou Detentor dos Direitos Autorais

VALÉRIA ALBINO FERREIRA MARTINS

**DISCURSO E HISTÓRIAS EM QUADRINHOS:
LER NÃO É SÓ DECODIFICAR**

Trabalho de Conclusão de Curso, no formato de monografia, apresentado ao curso de Licenciatura em Pedagogia Bilíngue, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás (IFG-Campus Aparecida de Goiânia), como requisito parcial à obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia Bilíngue.

Orientadora: Profa. Dra. Josiane dos Santos Lima

APARECIDA DE GOIÂNIA
2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

V163 Martins, Valéria Albino Ferreira.
Discurso e histórias em quadrinhos: ler não é só decodificar. Valéria
Albino Ferreira Martins. - Aparecida de Goiânia, 2021.
55 f. Il.

Orientador: Dra. Josiane dos Santos Lima.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Instituto Federal de
Educação Ciência e Tecnologia de Goiás: Campus Aparecida de Goiânia,
Licenciatura em Pedagogia Bilingue, 2021.

1. História em quadrinhos. 2. Leitura. 3. Sentido. 4. Discurso. I.
Título.

CDD 372.4

Catalogação na publicação:
Suzane Gonçalves Duarte Peixoto – CRB 1/2746

TERMO DE APROVAÇÃO

VALÉRIA ALBINO FERREIRA MARTINS

DISCURSO E HISTÓRIAS EM QUADRINHOS: LER NÃO É SÓ DECODIFICAR

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás – Câmpus Aparecida de Goiânia como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Pedagogia Bilíngue e desenvolvido na linha de pesquisa Língua(gem), Educação e Cultura sob orientação da Profa. Josiane dos Santos Lima

Aprovado em 22 de dezembro de 2021.

BANCA EXAMINADORA:

(assinado eletronicamente)

Profa. Josiane dos Santos Lima

(Presidente - orientadora)

(assinado eletronicamente)

Prof. Alexssandro Ribeiro Moura

(membro interno)

(assinado eletronicamente)

Prof. Wilton Divino da Silva Junior

(membro externo)

Documento assinado eletronicamente por:

- **Wilton Divino da Silva Junior**, Wilton Divino da Silva Junior - 332105 - Professor assistente de regência de classe - Ufg (01567601000143), em 05/04/2022 15:55:59.
- **Alexssandro Ribeiro Moura**, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO, em 28/01/2022 14:51:56.
- **Josiane dos Santos Lima**, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO, em 28/01/2022 14:14:20.

Este documento foi emitido pelo SUAP em 28/01/2022. Para comprovar sua autenticidade, faça a leitura do QRCode ao lado ou acesse <https://suap.ifg.edu.br/autenticar-documento/> e forneça os dados abaixo:

Código Verificador: 240416

Código de Autenticação: a6ed3cbe1f



Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Avenida Universitária Vereador Vagner da Silva Ferreira, Qd. 1, Lt. 1-A, Parque Itatiaia, APARECIDA DE GOIÂNIA / GO, CEP 74968-755
(62) 3507-5958 (ramal: 5985)

Dedico este trabalho a Deus. Sem ele, nada seria possível.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus, pela força incondicional, pela bondade em me ensinar a persistir em meus sonhos.

Aos meus pais, Altair (*in memoriam*) e Maria, que, apesar de todas as dificuldades enfrentadas na vida, tiveram como prioridade me ensinar o valor da educação.

Aos meus filhos, Eduardo e Danilo, por serem meus incentivadores e pela compreensão nos momentos não compartilhados.

Ao Luís, meu companheiro, por estar ao meu lado em todos os momentos.

Às minhas amigas, Alessandra, Luciana e Rosirene, pelos conselhos e pela parceria, da faculdade para a vida.

Aos professores do meu curso, que contribuíram para uma formação profissional de qualidade e, sobretudo, humana.

E, em especial, à Profa. Dra. Josiane, minha orientadora, pelo privilégio de ser sua orientanda, pela paciência e extrema leveza na condução deste trabalho.

RESUMO

Esta pesquisa teve como alvo a investigação discursiva de um gênero textual que circula no cotidiano e, nos últimos tempos, tem recebido destaque no ambiente escolar. Trata-se da História em Quadrinhos, popularmente, HQ, um gênero textual que explora de forma diferenciada a relação entre linguagem verbal e não verbal, levando o leitor a perceber efeitos de sentidos que podem tanto provocar o riso, como conduzir a uma reflexão social ou a respeito de algum acontecimento do dia a dia. Assim, procurou-se observar como esse gênero se constitui em uma ferramenta importante para o processo de construção das práticas de leitura e contribui para uma formação que vai além da decodificação do sistema da língua, uma vez que as Histórias em Quadrinhos vão interpelar o leitor na função de sujeito social. Por esse motivo, o suporte teórico metodológico escolhido foi a Análise do Discurso (AD) francesa, a qual nos permitiu compreender o objeto textual como uma construção histórica atravessada pelas contradições do discurso, pela incompletude dos sujeitos e pela não transparência da língua (ORLANDI, 2020). Para tanto, este estudo apresenta uma narrativa histórica das Histórias em Quadrinhos, dando destaque para as condições de produção de alguns discursos que levaram esse gênero textual a assumir um lugar relevante no contexto escolar. Com foco no próprio processo de leitura discursiva, empreendeu-se a leitura e análise de algumas Histórias em Quadrinhos de modo a trabalhar a materialização dos discursos sobre a pandemia de covid-19, tornando visível parte da rede discursiva que pôde circular no cotidiano a partir de um processo possível de produção de sentidos em nossa comunidade.

Palavras-chave: história em quadrinhos; leitura; sentido; discurso.

ABSTRACT

This research aimed at the discursive investigation of a textual genre that circulates in everyday life and, in recent times, has been highlighted in the school environment. This is Comics, popularly, HQ, a textual genre that explores in a different way the relationship between verbal and non-verbal language, leading the reader to perceive effects of meanings that can both provoke laughter and lead to social reflection or about some day-to-day event. Thus, we tried to observe how this genre constitutes an important tool for the process of construction of reading practices and contributes to a formation that goes beyond the decoding of the language system, since the Comics will challenge the reader in the role of social subject. For this reason, the methodological theoretical support chosen was the French Discourse Analysis (DA), which allowed us to understand the textual object as a historical construction crossed by the contradictions of the discourse, by the incompleteness of the subjects and by the non-transparency of the language (ORLANDI, 2020). Therefore, this study presents a historical narrative of Comics, highlighting the conditions of production of some discourses that led this textual genre to assume a relevant place in the school context. Focusing on the discursive reading process itself, the reading and analysis of some Comics was undertaken in order to work on the materialization of the discourses about the covid-19 pandemic, making visible part of the discursive network that could circulate in daily life from of a possible process of production of meanings in our community.

Keywords: comics; reading; sense; speech.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Arte pré-histórica.....	21
Figura 2 – Publicação da revista “O Tico-Tico”	23
Figura 3 – E daí?	25
Figura 4 – Retorno às aulas durante a pandemia.....	27
Figura 5 – Gripezinha.....	29
Figura 6 – Pressa com a vacina? Por quê?.....	29
Figura 7 – Não sou coveiro	30
Figura 8 – Exemplo de tirinha, vinheta e balão	31
Figura 9 – Tipos de balões.....	32
Figura 10 – The Yellow Kid (O Menino Amarelo)	33
Figura 11 – Seleção dos anos de 2006, 2008 e 2009.....	36
Figura 12 – Butantan e a covid	41
Figura 13 – Charge continuada.....	43
Figura 14 – Pronunciamento	45
Figura 15 – É verdade esse bilhete.....	46
Figura 16 – Eficácia das vacinas.....	47

LISTA DE SIGLAS

AD	Análise do Discurso francesa
Enem	Exame Nacional do Ensino Médio
HQ	História em Quadrinhos
HQs	Histórias em Quadrinhos
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
PCN	Parâmetros Curriculares Nacional
PNBE	Programa Nacional Biblioteca da Escola
PNLD	Programa Nacional do Livro Didático

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 NOTAS PARA UMA METODOLOGIA DISCURSIVA: HISTÓRIA E CONSTRUÇÃO DOS OBJETOS	13
3 HISTÓRIAS EM QUADRINHOS E LEITURA	21
3.1 O gênero História em Quadrinhos: formas e sentidos ao longo do tempo .	21
3.2 A linguagem das Histórias em Quadrinhos: alguns pontos	28
3.3 A leitura das Histórias em Quadrinhos e a escola.....	35
4 A LEITURA DISCURSIVA DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS	38
4.1 Ler e interpretar: o recorte discursivo.....	38
4.2 Relação entre o texto e o discurso: as imagens no contexto pandêmico ...	41
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
ICONOGRAFIA.....	51
REFERÊNCIAS	53

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa buscou investigar o gênero discursivo História em Quadrinhos (HQ) a partir de uma concepção discursiva de leitura, utilizando como instrumento teórico-metodológico a Análise do Discurso (AD), teoria da leitura fundada por Michel Pêcheux na França.

A construção do trabalho se deu com base na pesquisa bibliográfica, de caráter exploratório e qualitativo, com foco nos estudos de leitura discursiva do gênero textual História em Quadrinhos, sem que para isso fosse necessário estabelecer uma problematização acerca da heterogeneidade do próprio gênero. Para tanto, consideramos as HQs como um hipergênero, um grande guarda-chuva que agrega outros gêneros que compartilham uma mesma linguagem em textos narrativos, como as tiras, o cartum e a charge.

Dito de outra forma, podemos afirmar que, embora nosso olhar se volte para um gênero textual específico, o pano de fundo de todo o estudo diz respeito aos processos de leitura e à tentativa de compreender as formas que tornaram possíveis a circulação do discurso sobre a pandemia de covid-19 em nosso cotidiano. Dessa forma, esperamos que esta pesquisa possa contribuir com os trabalhos no campo da leitura, bem como para formação de leitores, no espaço escolar e fora dele, uma vez que os discursos circulam no dia a dia e nunca paramos de ler e interpretar.

Tendo em vista o contexto educacional no Brasil, e todas as queixas que circulam a respeito do processo de leitura (ou de seu suposto “fracasso”), sobretudo em relação aos pequenos e jovens leitores, o trabalho realizado se justifica por tentar compreender tal processo de forma diferente e considerar a leitura uma atividade ampla e complexa, ligada diretamente às condições de produção extralinguísticas, mais especificamente, às relações discursivas.

Diante do cenário educacional na formação de sujeitos leitores, o presente estudo tem como contribuição secundária o objetivo de refletir sobre o potencial pedagógico das Histórias em Quadrinhos (HQs) na construção de dispositivos de leitura, ou seja, na produção de caminhos de práticas leitoras que agucem a constituição de um leitor capaz não somente de decodificar a língua, mas de compreender os variados “nós” que compõem a rede de sentidos.

O presente estudo parte da compreensão de que o ensino e a aprendizagem demandam que o aluno se aproprie de uma leitura que alcance o universo do qual faz

parte e compreenda também aquilo que pode não estar na sua realidade mais imediata. A importância da compreensão da leitura enquanto objeto discursivo, e não apenas como efeito de comunicação, está nos trabalhos de interpretação e produção de sentidos do discurso presentes em textos orais e escritos e que, de forma consciente ou não, atuam na construção de uma interpretação do mundo.

Dessa forma, esta pesquisa, apesar de todas as suas limitações, estabelece diálogos a partir de algumas questões: Como compreender o percurso histórico do gênero História em Quadrinhos e sua possível relação com o contexto escolar? É possível um trabalho de leitura que busque entender o texto para além da decodificação linguística? E, por fim, uma questão que constituiu destaque substancial: Como os dizeres a partir do acontecimento da pandemia circularam em nosso cotidiano e nas Histórias em Quadrinhos?

Para tentar responder a série de questões apresentadas, direcionamos nosso olhar para o gênero textual específico, conforme apontado, e seguimos alguns passos para construção do quadro efetivamente analisado. Primeiramente, delimitamos um recorte temporal de 12 meses, contado a partir da emergência dos dizeres sobre a pandemia na imprensa nacional, em março de 2020. Isso fez com que a temporalidade para coleta de dados fosse restringida, uma vez que a rede discursiva em volta desse acontecimento ainda se encontra em plena atividade. Depois, pesquisamos Histórias em Quadrinhos com acesso digital e gratuito, considerando a facilidade de circulação desses materiais. Por fim, como o volume de dados se mostrou imenso, selecionamos HQs que mantinham uma ligação mais direta com os ditos oficiais do governo federal, e também entre si, destacando a temática das vacinas e as normas sanitárias como, por exemplo, o distanciamento social e o uso de máscaras.

Finalmente, importa considerar que a escolha do tema se deu por uma motivação pessoal, impulsionada pela dificuldade de compreender os textos durante as aulas da disciplina de Língua Portuguesa - Análise e Produção de Texto Acadêmico. Foram as práticas de leitura dirigida que me possibilitaram refletir sobre a necessidade de trabalhar e/ou ensinar leitura como um ato comunicativo que se constitui nas práticas sociais.

No percurso de desenvolvimento, foram muitos os desafios. Além da dificuldade na leitura dos textos, de adaptação ao ensino não presencial durante a pandemia, que trouxe inúmeras adversidades, o contexto de vida pessoal, as perdas

familiares e outros fatores ocasionaram o atraso na conclusão da pesquisa. Sendo assim, este estudo não é apenas sobre “dados”, mas sobre um processo.

2 NOTAS PARA UMA METODOLOGIA DISCURSIVA: HISTÓRIA E CONSTRUÇÃO DOS OBJETOS

A fundamentação teórica baseia-se na Análise do Discurso francesa, pautada nos estudos de Michel Pêcheux e desenvolvida no Brasil por Eni Orlandi, com algumas contribuições teóricas do filósofo Michel Foucault.

O século XX foi um período de avanços nos estudos linguísticos, o que nos possibilitou, a princípio, explicar como nós, seres humanos, nos comunicamos e interagimos. Nesse contexto, a Análise do Discurso surge como um novo estudo para elucidar como o discurso funciona e realiza a produção de sentidos.

A Análise do Discurso francesa, por volta da década de 1960, contrária à abordagem de conteúdo, nasce da necessidade de romper com a barreira dos estudos da língua naquela época. Segundo Gregolin (1995, p. 13, grifo da autora), a Análise do Discurso tomou força na década de 1970, de forma que “[...] seu desenvolvimento significou a passagem da Linguística da ‘frase’ para a Linguística do ‘texto’”.

A língua era estudada de maneira ideal e formal, desconsiderando os fatores extralinguísticos. Por esse motivo, precisava-se romper duas barreiras: uma que impedia a passagem da frase para o texto, a dicotomia frase/texto, pois a frase era vista de forma separada do texto; outra que rompia com a separação do enunciado de sua enunciação, por não considerar a fala, isto é, aquilo que foi dito pelo sujeito do contexto. Sendo assim, analisava-se sem levar em consideração a conjuntura em que foi dito.

Hoje a compreensão da linguagem não está mais centrada apenas na língua, sistema ideologicamente neutro, mas em outra instância, a do discurso. Dessa forma, argumenta Brandão (2004, p. 11):

A linguagem enquanto discurso não constitui um universo de signos que serve apenas como instrumento de comunicação ou suporte de pensamento; a linguagem enquanto discurso é interação, é um modo de produção social; ela não é neutra, inocente e nem natural, por isso o lugar privilegiado de manifestação da ideologia.

A Análise do Discurso enfrenta a separação entre língua e fala e propõe uma relação de união entre língua e discurso. Segundo Saussure (1974 *apud* ORLANDI; LAGAZZI-RODRIGUES, 2017, p. 16), “a língua é o sistema onde tudo se mantém”, é um sistema fixo, social e constante; ao lado da língua, a fala é variável, individual e histórica. Desse modo, tomar a língua separada da fala é separar o social do histórico,

concepção contrária à teoria da Análise do Discurso. Conforme nos explicam as autoras:

A dicotomia saussureana entre língua e fala fazia com que se pudesse analisar a língua – enquanto um sistema com sua organização e funcionamento – mas tornava impossível a análise da fala, que se apresentava assim como a-sistemática e desorganizada. Ao deslocar, não dicotomizando, para a relação língua e discurso, o discurso desta vez é sujeito à análise de seu funcionamento, contanto que atentemos para a relação do que é linguístico com a exterioridade que o determina. No discurso temos o social e o histórico indissociados. (ORLANDI; LAGAZZI-RODRIGUES, 2017, p. 16).

A Análise do Discurso tem como objeto de estudo o próprio discurso, cujo significado, na língua portuguesa, é comumente utilizado para se referir a pronunciamentos políticos, a uma fala pública com exposição de ideias, planejada ou de improviso, além de muitos outros usos em diferentes contextos sociais da língua. No entanto, para compreendermos o *discurso* como objeto que constitui o campo de investigação da AD, há que se romper com as acepções advindas do senso comum, que integram nosso cotidiano, e buscar compreendê-lo com apoio de bases teóricas relacionadas a métodos de análise (FERNANDES, 2005).

O discurso é a produção de sentidos e a construção de significados. Ele mobiliza os sentidos para que se possa efetuar a prática política pela forma como esses são produzidos. “Discursar” é a palavra em movimento, significa produzir sentidos e mobilizar as interpretações que o discurso terá. Conforme Orlandi (2020, p. 13), “[...] a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a ideia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando.”

A língua se inscreve na história para fazer sentido. Como afirma Orlandi (2020, p. 13), “A Análise de Discurso concebe a linguagem como mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social.” Essa mediação constitui a materialidade do discurso, o trabalho com a língua, não como um sistema abstrato, mas a língua no mundo, significando, “[...] com homens falando, considerando a produção de sentidos enquanto parte de suas vidas, seja enquanto sujeitos ou membros de uma determinada forma de sociedade.” (ORLANDI, 2020, p. 13-14).

Enquanto estudo de interpretação, idealizado na década de 1960, a AD tinha como proposta inicial uma leitura “objetiva” dos sentidos de produções de caráter

político como, por exemplo, os panfletos. Assim, a intenção foi fazer uma análise que diria como o discurso funciona e como pode produzir sentidos.

Na teoria pecheutiana, ou melhor, em uma de suas fases, compreende-se que, para que um indivíduo se torne sujeito, precisa passar pelo *assujeitamento*. O fato de o indivíduo se *assujeitar*, criar uma visão ou uma opinião para tudo que foi aprendido ao longo de sua vida, denota a leitura e o conhecimento de mundo que o torna sujeito. Segundo Pêcheux, é muito estreita a relação entre língua, discurso e ideologia, a partir do momento que o indivíduo se insere na rede de discursos, está falando sobre algo, baseado em uma teoria ideológica, ou seja, em um discurso predefinido (GASPARINI, 2015).

Conforme nos mostra Orlandi (1996, p. 37-38), os discursos não podem ser pensados, simplesmente, como objetos “[...] empíricos, são efeitos de sentidos entre locutores, sendo análise e teoria inseparáveis.” É dessa forma que as pesquisas desenvolvidas sob a perspectiva da Análise do Discurso vão, a todo instante, conjugar, por meio da apreciação do objeto e da exposição teórica. Esse é o caminho trilhado pelo analista a partir das materialidades discursivas que compõem a arquitetura do trabalho.

Outro analista pode olhar para o mesmo discurso e organizar um arquivo diferente de materialidades textuais. Para Orlandi (2020, p. 24), “A Análise do Discurso visa fazer compreender como os objetos simbólicos produzem sentidos, analisando assim os próprios gestos de interpretação que ela considera como atos no domínio simbólico, pois eles intervêm no real do sentido.”

O que é importante compreender é que o discurso não se confunde nem com a evidência dos dados empíricos, nem com o material textual, mas ganha materialidade neles. Segundo Orlandi (1996, p. 38), “[...] para a análise do discurso não existem dados enquanto tal, uma vez que eles resultam já de uma construção, de um gesto teórico”. Em outras palavras, para o analista, aquilo que será transformado em objeto de análise está intimamente ligado aos movimentos de interpretação empreendidos.

A composição deste trabalho analítico acaba por mostrar esse movimento em relação ao discurso sobre a pandemia. Nesse sentido, o estudo do gênero discursivo História em Quadrinhos constitui um arcabouço de possibilidades, enquanto leitura, para além do código. O analista tem como instrumento metodológico os critérios da Análise do Discurso, que permitem apreender o discurso através do texto e o discurso

que constitui a linguagem das HQs, como uma rede de interdiscursividade, que além do discurso presente e materializado na língua, também rememora outros discursos, que não foram ditos e que são “visualizados” nos sentidos produzidos no modo de fazer a leitura do gênero discursivo, objeto de análise desta pesquisa.

O discurso é constituído de sentido e compreendido, segundo Fernandes (2005, p. 13), “[...] como um efeito de sentidos entre sujeitos em interlocução (sujeitos se manifestando por meio do uso da linguagem).” Numa crítica ao discurso como mero efeito comunicativo, Pêcheux (1969 *apud* ORLANDI; LAGAZZI-RODRIGUES, 2017, p. 16) “[...] vai dizer que o discurso mais do que transmissão de informação (mensagem) é efeito de sentidos entre locutores”. Para Orlandi e Lagazzi-Rodrigues (2017, p. 17), os discursos são “Efeitos que resultam da relação de sujeitos simbólicos que participam do discurso [...]. Os efeitos se dão porque são sujeitos dentro de certas circunstâncias e afetados pelas suas memórias discursivas.”

As condições de produção do discurso referem-se ao contexto em que o discurso se dá, ou seja, a partir de um olhar para a história, para os aspectos históricos e socioideológicos que envolvem sua produção. Os sujeitos e a situação intervêm na produção discursiva que, além de sua exterioridade constitutiva, envolve o interdiscurso, a memória do dizer.

A situação pode ser pensada em seu sentido estrito e lato. Em sentido estrito, compreende o contexto imediato da enunciação, que se dá num *aqui e agora* do dizer. Em sentido lato, abrange contextos sócio-histórico e ideológico mais amplos. Ambos os sentidos são indissociáveis, de forma que em toda situação de linguagem eles devem ser observados. Desse modo, as circunstâncias de enunciação que se dão no contexto imediato, para fazerem sentido, devem se vincular ao seu contexto mais amplo (ORLANDI; LAGAZZI-RODRIGUES, 2017).

A noção de sujeito na Análise do Discurso, segundo Fernandes (2005), não trata do indivíduo, do ser humano, de uma existência particular no mundo. Dito isso, ao sujeito discursivo, não se nega sua existência empírica em sociedade; portanto, o interesse está no sujeito social, apreendido em um espaço coletivo, que ocupa um lugar social e ideológico em um determinado momento da história.

As pistas que conduzem a esse lugar social e ideológico em que se encontra o sujeito discursivo são reveladas por sua voz. Assim pontua Fernandes (2005, p. 22-23): “[...] a voz desse sujeito revela o lugar social; logo, expressa um conjunto de

outras vozes integrantes de dada realidade histórica e social; de sua voz ecoam as vozes constitutivas e/ou integrantes desse lugar sócio-histórico.”

Dessa maneira, consoante ao autor, para compreender o sujeito discursivo, é necessário perceber quais são as vozes sociais que se fazem presentes em sua voz. Fernandes (2005, p. 24) nos traz um exemplo interessante a partir do uso de duas palavras:

[...] o emprego de invasão e ocupação, [...] temos, pela escolha lexical, a revelação da inscrição socioideológica do sujeito enunciador. Ao utilizar ocupação, por exemplo, o sujeito integra, como partícipe, um conjunto de sujeitos cuja natureza ideológica revela-o como solidário aos movimentos dos Sem-Terra, se não um de seus integrantes. Esses Sujeitos se opõem ideologicamente a um outro conjunto de sujeitos dispersos no âmbito social, contrários a esses movimentos, que utilizariam o lexema invasão.

A partir do exemplo citado, podemos observar que o sujeito discursivo não é homogêneo; em seu discurso, há o entrecruzamento de discursos opostos, diferentes e que se contradizem, de forma que, ao tomarmos um sujeito discursivo referente a um mesmo tema, encontramos a presença de vozes distintas que integram sua voz, vozes oriundas de diferentes discursos (FERNANDES, 2005).

A ligação entre condições de produção e o conceito de sujeito se dá a partir de um esquema elaborado por M. Pêcheux e chamado de *jogos de imagem* ou jogo das chamadas *formações imaginárias*. O esquema do jogo de imagens equivale ao da teoria da comunicação, o que difere é que, no esquema elementar da comunicação, trata-se de pessoas físicas e, na Análise do Discurso, esse mesmo sujeito passa a ocupar uma posição sujeito, um lugar social projetado no discurso. Conforme explicam Orlandi e Lagazzi-Rodrigues (2017, p. 17-18, grifo nosso):

O enunciador e o destinatário, enquanto sujeitos, são pontos da relação de interlocução, indicando diferentes posições sujeito. E isto se dá no jogo das chamadas *formações imaginárias* que presidem todo discurso: a imagem que o sujeito faz dele mesmo, a imagem que ele faz de seu interlocutor, a imagem que ele faz do objeto do discurso. Assim como também se tem a imagem que o interlocutor tem de si mesmo, de quem lhe fala, e do objeto de discurso.

O jogo de imagens descrito, segundo Pêcheux (1990b *apud* TAVARES, 2016, p. 83), funciona da seguinte forma:

A imagem que o sujeito enunciador faz de si mesmo; a imagem que o sujeito receptor faz do sujeito enunciador; a imagem que o sujeito receptor faz de si

mesmo; e a imagem que o sujeito enunciador faz do sujeito receptor, durante o processo de interlocução.

Segundo Orlandi e Lagazzi-Rodrigues (2017), a projeção do sujeito no discurso refere-se à sua imagem constituída no social. No entanto, não falamos do operário, mas da imagem que a sociedade faz dele, ou do pai, ou do professor, ou do presidente etc. E esse lugar social marca as posições sujeito no discurso. A posição sujeito inscreve seu dizer em uma formação discursiva, e seu dizer tem a força que este lugar representa. Por isso, as posições sujeito não são neutras, ao falarmos do lugar de pai, professor, filho, elas se carregam do poder que as constitui em suas relações de força.

O discurso, como objeto da Análise do Discurso, necessita de elementos linguísticos para se materializar, como a língua, a fala e o texto. No entanto, embora se materialize na linguagem, se constitui fora dela. Isso porque, conforme Fernandes (2005, p. 12), ele se refere “[...] a aspectos sociais e ideológicos impregnados nas palavras quando elas são pronunciadas.”

Já o texto é a unidade básica a ser analisada pela Análise do Discurso. Para Orlandi e Lagazzi-Rodrigues (2017), o texto não é visto como na análise de conteúdo, que visa explicitar o que o autor *quis* dizer e seu sentido é dado *a priori*. O sentido do texto na AD é obtido em sua discursividade. Assim, o texto se constitui em discurso, e seu sentido requer pensar o texto em seu funcionamento através das condições de produção e ligado à sua exterioridade.

Para pensar sobre formação discursiva, M. Pêcheux trata do sentido que palavras, expressões e proposições assumem quando enunciadas em decorrência da ideologia. Assim, a produção de sentido

[...] de uma palavra, uma expressão, de uma proposição etc., não existe em si mesmo (isto é, em uma relação transparente com a literalidade) mas ao contrário é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões, proposições são produzidas (isto é, reproduzidas). Elas mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam. As formações discursivas são a projeção, na linguagem, das formações ideológicas (PÊCHEUX, 1975 *apud* ORLANDI; LAGAZZI-RODRIGUES, 2017, p. 19-20).

De acordo com Fernandes (2005, p. 14), “Quando nos referimos à produção de sentidos, dizemos que no discurso os sentidos das palavras não são fixos, não são imanentes, conforme, geralmente, atestam os dicionários.” Desse modo, uma mesma

palavra, independente do significado prescrito, pode produzir diferentes sentidos ao ser enunciada em decorrência da ideologia dos sujeitos em interlocução.

Fernandes (2005, p. 13) explica que a ideologia consiste na “[...] forma como esses sujeitos compreendem a realidade política e social na qual estão inseridos”. Nas palavras de Brandão (2004, p. 107), “[...] a formação discursiva determina ‘o que pode e deve ser dito’ a partir de um lugar social historicamente determinado. Um mesmo texto pode aparecer em formações discursivas diferentes, acarretando, com isso, variações de sentido”.

Para melhor compreender essa pluralidade de sentidos de uma mesma palavra, observamos a palavra “salário”. Esse vocábulo, quando enunciado pelo patrão ou pelo operário, pode, de modos e sentidos diferentes, se referir à formação discursiva do patrão ou do operário. Da mesma forma ocorre com a palavra “liberdade” se referida à formação do pai ou do filho etc. Assim, quando fazemos uma análise, a formação discursiva na qual o dizer está inscrito determina a posição sujeito e o sentido do discurso (ORLANDI; LAGAZZI-RODRIGUES, 2017).

Por certo, a ideologia é constitutiva do sujeito e do sentido nas práticas discursivas. A ideologia tem sua materialidade específica no discurso e este na língua. Para Orlandi e Lagazzi-Rodrigues (2017, p. 20), “O sujeito e sentido se constituem ao mesmo tempo. É pelo fato mesmo de dizer que o sujeito se diz, se constitui.” Segundo as autoras, a formação discursiva do sujeito enunciativo é determinada pelo interdiscurso, o discurso que remete a outro. É o efeito do já-dito que, na constituição do sentido de um discurso, perpassa outros discursos.

Para Orlandi e Lagazzi-Rodrigues (2017, p. 24), pela noção de interdiscurso é trabalhada a memória discursiva, “[...] ‘algo fala antes, em outro lugar e independentemente’. Trata-se do que chamamos saber discursivo.” Sendo assim, a memória discursiva não se refere às lembranças que cada sujeito tem do passado, mas a uma memória social (FERNANDES, 2005).

Na formulação do dizer, os enunciados são atravessados pela memória discursiva de forma que qualquer formulação se constitui pela retomada do conjunto das formulações já feitas e esquecidas. Tomemos, por exemplo, a memória da palavra “família”, que possui um conjunto de enunciações, ao ser dita inúmeras vezes em diferentes circunstâncias, no contexto histórico da cultura ocidental, em condições de produção específicas que a fizeram significar de maneira particular (ORLANDI; LAGAZZI-RODRIGUES, 2017).

A Análise do Discurso parte do pressuposto de que não há sentido sem interpretação, pois esta está presente no nível de quem fala e de quem analisa. Porém, a finalidade do analista de discurso não é interpretar, mas compreender como um texto funciona, ou seja, como um texto produz sentidos (ORLANDI, 2008).

Na instância de quem fala, conforme Orlandi e Lagazzi-Rodrigues (2017), a interpretação no nível do sujeito se dá porque ele é instado a interpretar face a qualquer objeto simbólico e tem a necessidade de dar sentido, de construir significação em seus gestos de interpretação. O sujeito, ao falar, está em plena atividade de interpretação, ele atribui sentidos às suas próprias palavras em condições específicas. Para o sujeito, a interpretação é transparente, como se o sentido estivesse presente em suas palavras, apagando-se assim as condições de produção em que o sujeito fala, a partir de sua inscrição em uma formação discursiva, e desprezando a exterioridade que o constitui.

Segundo as autoras, a interpretação como atividade para o analista do discurso compreende o batimento entre descrição e interpretação. Dessa forma, a Análise do Discurso leva em consideração a tomada da materialidade do texto e, ao reconhecer que a linguagem não é neutra, não é transparente, reconhece-se também a necessidade de construção de dispositivos para se ter acesso a ela.

A Análise de Discurso não estaciona na interpretação, trabalha seus limites, seus mecanismos, como parte dos processos de significação. Também não procura um sentido verdadeiro através de uma chave de interpretação. Não há esta chave, há método, há construção de um dispositivo teórico. Não há verdade atrás do texto. Há gestos de interpretação que o constituem e que o analista, com seu dispositivo deve ser capaz de compreender. (ORLANDI, 2020, p. 24).

Portanto, o analista empreende gestos de interpretação através do dispositivo teórico da interpretação e do dispositivo analítico da interpretação. Por tudo que foi dito até aqui, não pretendemos que este trabalho esgote todas as possibilidades de leitura, descrição e interpretação do material analisado. Entendemos que as ferramentas e a metodologia da Análise do Discurso contribuem para compreendermos a leitura como um gesto inserido na História e que isso pode contribuir com a formação do Pedagogo, o qual poderá constituir um itinerário diferente em seu percurso no chão da escola, na formação de novos leitores e no entendimento de que ler não é apenas “decodificar” palavras.

3 HISTÓRIAS EM QUADRINHOS E LEITURA

O presente capítulo discute os aspectos relacionados ao gênero discursivo História em Quadrinhos, tais como a linguagem e suas especificidades. Buscamos apresentar um pouco da história e as reflexões sobre a própria materialidade textual do gênero, bem como a relação entre linguagem verbal e não verbal. Dessa maneira, primeiro apresentamos um breve percurso histórico para compreender o surgimento do gênero História em Quadrinhos, suas configurações possíveis e formas de circulação ao longo do tempo. Por fim, propomos uma reflexão sobre o processo de leitura desse gênero e sua entrada no espaço escolar.

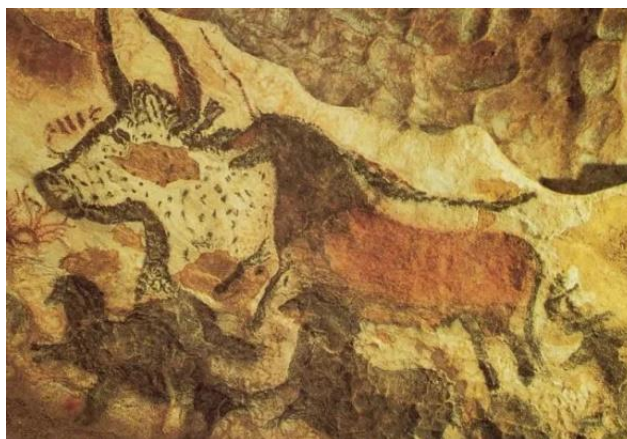
3.1 O gênero História em Quadrinhos: formas e sentidos ao longo do tempo

As Histórias em Quadrinhos, HQs, como são conhecidas atualmente, representam, de certa forma, a evolução das narrativas ilustradas no processo de comunicação da espécie humana. A imagem gráfica registrada pelo homem primitivo nas paredes das cavernas, desde os primórdios da humanidade, é um exemplo disso. Por não existir a escrita, o homem utilizou a imagem para registrar seu cotidiano.

[...] quando o homem das cavernas gravava duas imagens, uma dele mesmo, sozinho, e outra incluindo um animal abatido, poderia estar, na realidade, vangloriando-se por uma caçada vitoriosa, mas também registrando a primeira história contada por uma sucessão de imagens. Bastaria, então, enquadrá-las para se obter algo muito semelhante ao que modernamente se conhece como história em quadrinhos. (VERGUEIRO, 2007, p. 8-9).

Nas palavras de Iannone e Iannone (1994, p. 10): “Estudiosos apontam as inscrições que nossos antepassados deixaram nas cavernas, no período pré-histórico, como a origem mais remota das histórias em quadrinhos”. A Figura 1 é um exemplo de imagem gráfica. Desse modo, a linguagem faz parte da cultura humana desde os tempos mais remotos. E a

Figura 1 – Arte pré-histórica



Fonte: Imbroisi e Martins (2021).

linguagem não verbal, através das imagens gráficas, veio ao encontro das necessidades do homem primitivo no processo de comunicação.

A trajetória desse gênero remete ao período pré-histórico, contudo, as Histórias em Quadrinhos, atualmente conhecidas, começaram a surgir no final do século XIX, nos Estados Unidos, onde encontrou condições favoráveis ao seu desenvolvimento, com a evolução da indústria tipográfica e o surgimento de grandes cadeias jornalísticas, conforme acresce Vergueiro (2007). Ainda, “[...] quando todos os elementos tecnológicos e sociais encontravam-se [...] consolidados para que as histórias em quadrinhos se transformassem em um produto de consumo massivo, como de fato ocorreu” (VERGUEIRO, 2007, p. 10).

Segundo o autor, o enfoque cômico dos quadrinhos norte-americanos com desenhos satíricos e personagens caricaturais despontou, primeiramente, nos jornais dominicais. Alguns anos depois, o gênero passou a aparecer diariamente, com as célebres “tiras” diversificando suas temáticas, mas mantendo o viés cômico. O destaque de suas histórias em núcleos familiares, com animais antropomorfizados e protagonistas femininas, contribuiu na disseminação de uma visão de mundo norte-americana, junto ao cinema, colaborando para globalização dos valores e da cultura daquele país.

A representação de pessoas e objetos nos desenhos das Histórias em Quadrinhos surgiu em 1920, com as aventuras dos super-heróis. As publicações eram periódicas e conhecidas como *comic books*, gibis, no Brasil. O gibi “[...] ampliou consideravelmente o consumo dos quadrinhos, tornando-os cada vez mais populares” (VERGUEIRO, 2007, p. 11).

No ano de 1905, houve o lançamento de uma revista, destinada principalmente ao público infantil, conforme a Figura 2. “Acredita-se que a revista brasileira *O Tico-Tico* tenha sido a primeira do mundo a apresentar histórias em quadrinhos completas, [...] ela trazia comics, contos, textos informativos e curiosidades sobre assuntos destinados [...] às crianças.” (IANNONE; IANNONE, 1994, p. 48, grifo dos autores).

Segundo Moya (1994, p. 33 *apud* SANTOS; GANZAROLLI, 2011), “O Tico-Tico foi o marco inicial das publicações dedicadas às crianças no Brasil”.

Desde o início deste século, os quadrinhos representam no mundo inteiro um meio de comunicação de massa de grande penetração popular. Uma enorme variedade de títulos do gênero já circulava nos quatro cantos do planeta, com tiragem de milhares ou milhões de publicações de exemplares adquiridos por um público cativo e ávido por novidades na leitura dos quadrinhos. Eles continuaram a atrair muitos admiradores, mesmo com o surgimento de diversos meios de comunicação e entretenimento, que se apresentavam mais sofisticados, diversificados e abundantes (VERGUEIRO, 2007).

A popularidade alcançada pelos quadrinhos os tornou, até os dias de hoje, um meio de comunicação de vasto consumo e com conteúdo, em sua maioria, direcionado ao público de crianças e jovens. Segundo o autor, essa inegável popularidade, talvez, tenha despertado a “desconfiança” de muitos pais e professores no mundo inteiro. Assim, as HQs, logo cedo, tornaram-se objeto de restrição, pois os adultos não acreditavam que, por possuírem objetivos comerciais, pudessem também contribuir para o aprimoramento cultural e moral de jovens leitores. A desconfiança partia do conteúdo, das “[...] aventuras fantasiosas das páginas multicoloridas das HQs, supondo que elas poderiam afastar crianças e jovens de leituras ‘mais profundas’, desviando-os assim de um amadurecimento ‘sadio e responsável’” (VERGUEIRO, 2007, p. 8).

Figura 2 – Publicação da revista O Tico-Tico



Fonte: O Tico-Tico (1905).

A leitura desse gênero, recentemente, ainda não havia alcançado uma boa aceitação. Prevalencia a visão distorcida ou até preconceituosa. De acordo com Costa (2009), as HQs representavam um prejuízo ao gosto pela leitura, um desvio da obra literária. Uma compreensão bastante errada, pois uma característica marcante do texto literário é seu potencial de interdiscursividade e intertextualidade.

Podemos ver também como um processo crescente HQs que são adaptações de obras literárias, o que difere muito, pois deixam de ser compreendidas como leitura exclusiva de crianças e passam a ser aliadas tanto no entretenimento como na transmissão de conteúdo. Além de serem bem-vistas nos dias de hoje, as Histórias em Quadrinhos despertam um crescente interesse, por serem objeto de diversos estudos acadêmicos em todo mundo.

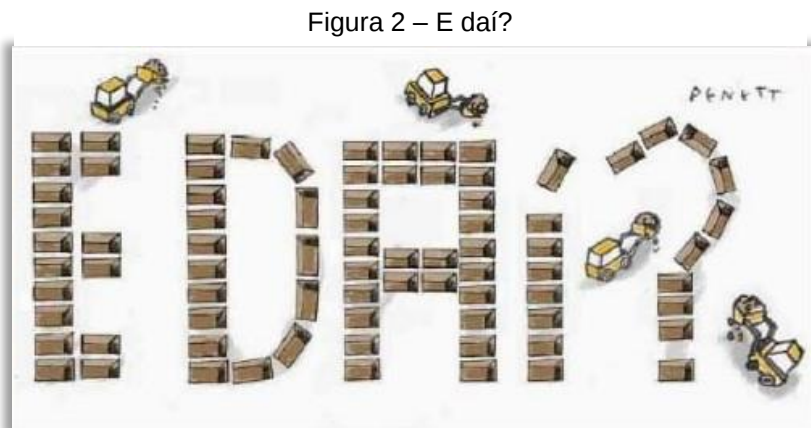
A rejeição às Histórias em Quadrinhos fez parte do cotidiano da sala de aula, porém, aos poucos, percebemos uma significativa mudança nesse cenário, conforme nos mostra Ramos (2020, p. 13):

Houve um tempo no Brasil em que levar histórias em quadrinhos para a sala de aula era algo inaceitável. Era um cenário bem diferente do visto no início deste século. Quadrinhos, hoje, são bem-vindos nas escolas. Há até estímulo governamental para que sejam usados no ensino. Vê-se uma outra relação entre quadrinhos e educação, bem mais harmoniosa. A presença deles nas provas de vestibular, a sua inclusão no PCN (Parâmetro Curricular Nacional) e a distribuição de obras ao ensino fundamental (por meio do Programa Nacional Biblioteca na Escola) levaram obrigatoriamente a linguagem dos quadrinhos para dentro da escola e para a realidade pedagógica do professor.

Após a superação dos preconceitos, a aceitação de sua linguagem no ambiente escolar formal apontou inúmeras vantagens de seu uso no ensino. A leitura de HQs contribui para o desenvolvimento do hábito de leitura, e a familiaridade com sua aplicação em sala de aula permite que os estudantes se abram para os benefícios da prática, conseguindo mais facilmente se concentrar nas leituras com finalidade de estudo (VERGUEIRO, 2007).

Do ponto de vista de sua estrutura e organização, o gênero discursivo compreende textos narrativos que, para produzir discursos, entrelaçam a linguagem verbal e a não verbal (imagem). No momento que o sujeito tem contato com a linguagem dos quadrinhos, é provável que, dessa união de signos, a imagem se sobressaia. Pode existir, também, apresentação da narrativa quadrinhística apenas imagética, sem texto verbal, mas o contrário é bem raro! (COSTA, 2009).

A HQ da Figura 3, publicada na *Folha de São Paulo*, em 30 de abril de 2020, circulou no contexto da pandemia de covid-19, e refere-se ao dia que o Brasil atingiu mais de 5 mil mortes decorrentes



Fonte: Bennett (2020).

da doença. Na ocasião, o presidente do país disse à imprensa: “E daí? Lamento. Quer que eu faça o quê? Eu sou Messias, mas não faço milagre”.¹ É possível notar uma referência ao próprio nome do presidente, Jair *Messias* Bolsonaro. Nesse exemplo, a materialidade verbal aparece com certa “visibilidade”, formando o enunciado “E daí?”, segundo apontamos anteriormente.

Podemos compreender que esse tipo de constituição textual exige que o leitor examine com mais cuidado a própria composição do que está escrito, para ver que as letras são formadas pela junção de vários caixões, os quais sinalizam o contexto das mortes por covid-19 no Brasil. Assim, o enunciado “E daí?” tem sua visibilidade textual composta por uma materialidade imagética, que é a dos caixões enfileirados. Para além deste modo pouco usual de uma História em Quadrinhos, no qual ganhou destaque a forma verbal, esse mecanismo nos possibilita perceber a dimensão crítica proposta, ou seja, não é por acaso que o conteúdo verbal ganha o primeiro plano na visualidade. O enunciado “E daí?”, que sinaliza para um posicionamento de desprezo por uma determinada situação ou acontecimento, quando usado, aponta para nós, na História em Quadrinhos vista, quão insignificantes eram as mortes dos brasileiros, naquele momento, para o presidente.

Retomando os apontamentos teóricos, importa destacar que o conceito de “gênero” foi formulado por Mikhail Bakhtin, no início do século XX, tratado por ele no grupo de estudo e pesquisa conhecido como Círculo de Bakhtin.

Ao trabalhar com o conceito de enunciado Bakhtin observou que a quantidade de discursos produzidos nas mais diversas esferas sociais era tamanha que uma comunicação satisfatória entre sujeitos necessitaria de enunciados com

¹ O enunciado pode ser conferido na notícia divulgada com o título ‘Sou Messias, mas não faço milagre’, diz Bolsonaro sobre mortes por coronavírus. Política, CNN Brasil, São Paulo, 28 abr. 2020.

características semelhantes em determinados grupos sociais. Existiriam formas reconhecíveis de enunciados que permitiriam o estabelecimento de comunicação entre seus membros. Essas formas reconhecíveis constituir-se-iam de formas estabelecidas antes de um determinado evento de comunicação e, por via de consequência, estarem presentes nos enunciados futuros (COSTA, 2009, p. 3).

Assim, compreendemos que Bakhtin (1997) aborda a linguagem na relação entre duas dimensões inseparáveis, a atividade humana e o uso da língua. O uso da língua se efetua na forma de enunciados, que podem ser orais e escritos. Desse modo, há uma grande variedade de atividades humanas nas diferentes esferas sociais, assim como nas esferas da comunicação, com uma grande variedade de usos da língua. Apesar disso, nas esferas da atividade humana, formam-se padrões típicos de atividades humanas. De maneira similar, as esferas da comunicação formam padrões típicos do uso da língua, como afirma o autor, e essas formas típicas correspondem a “tipos relativamente estáveis de enunciados”, que ele chamou de gêneros do discurso (BAKHTIN, 1997, p. 280).

Conforme nos explica Costa (2009), os enunciados são produzidos com base na memória que todo gênero discursivo possui, sendo semelhante à memória discursiva na produção de enunciados, compreendida por Orlandi (2020, p. 29) como “[...] o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra.” Tal memória recupera a base do dizer, a forma como foi e pode ser dito, sendo retomada na produção de novos discursos, ditos por falantes imersos em contextos sócio-históricos específicos.

Vale acrescentar que Bakhtin (1997) dividiu os gêneros em duas categorias distintas: o gênero de discurso primário (simples) e o gênero de discurso secundário (complexo). Os primários são os que têm seus enunciados, geralmente, presentes no campo da fala, como as comunicações do dia a dia, o diálogo, a carta, o bilhete, o diário etc. Os secundários (discursos literários, políticos, científicos e outros) fazem parte de uma comunicação mais “evoluída” no campo da escrita. Em sua formação, estes agregam um ou vários gêneros primários, de maneira que o gênero primário, ao se transformar dentro do gênero secundário, não perde suas características e seu significado no cotidiano.

Porém, o gênero primário não acontece de forma individual. Bakhtin cita como exemplo a inclusão de um gênero primário do diálogo cotidiano, como a carta, que,

ao ser agregada na narrativa do romance, torna-se parte da realidade dele, do romance literário, e não do romance cotidiano. Destarte, como bem pontuou Bakhtin (1997, p. 282):

Os gêneros secundários do discurso – o romance, o teatro, o discurso científico, o discurso ideológico, etc. – aparecem em circunstâncias de uma comunicação cultural, mais complexa e relativamente mais evoluída, principalmente escrita: artística, científica, sociopolítica. Durante o processo de sua formação, esses gêneros secundários absorvem e transmutam os gêneros primários (simples) de todas as espécies, que se constituíram em circunstâncias de uma comunicação verbal espontânea. Os gêneros primários, ao se tornarem componentes dos gêneros secundários, transformam-se dentro destes e adquirem uma característica particular: perdem sua relação imediata com a realidade existente e com a realidade dos enunciados alheios, por exemplo, inseridas no romance, a réplica do diálogo cotidiano ou a carta, conservando sua forma e seu significado cotidiano apenas no plano do conteúdo do romance, só se integram à realidade existente através do romance considerado como um todo, ou seja, do romance concebido como fenômeno da vida literário-artística e não da vida cotidiana. O romance em seu todo é um enunciado, da mesma forma que a réplica do diálogo cotidiano ou a carta pessoal (são fenômenos da mesma natureza); o que diferencia o romance é ser um enunciado secundário (complexo).

A partir da teoria bakhtiniana, podemos considerar que as Histórias em Quadrinhos são um gênero secundário complexo e contemporâneo do discurso. Costa (2009, p. 4) explica que “[...] a importância de entendermos as HQs como um gênero discursivo secundário vai além de uma ação classificatória; compreendemos que as HQs se constroem em situações de práticas sociais complexas”. O autor nos mostra que, além da linguagem quadrinhística própria, característica da memória de gênero que os enunciados das Histórias em Quadrinhos possuem, sua linguagem é um produto social, por ser construída em condições históricas específicas, como podemos observar na Figura 4, publicada no perfil do Facebook, em 11 de fevereiro de 2021.

Figura 3 – Retorno às aulas durante a pandemia



Fonte: Beck (2021).

A HQ do personagem Armandinho, por exemplo, não trata simplesmente de um equívoco cotidiano, uma ação muito comum no ambiente escolar infantil em que crianças acabam trocando objetos com os colegas. Ao contrário, é possível perceber a organização de um dizer que, de alguma forma, se posiciona acerca do retorno às aulas presenciais durante a pandemia. Em outras palavras, por meio do humor, a narrativa proposta pelo cartunista Alexandre Beck acaba por jogar luz nos riscos que cercam a volta presencial das aulas no contexto nacional. Além disso, chama a atenção a materialização do aparato de segurança, uma vez que a personagem está usando equipamentos ditos seguros para ocasião. Contudo, isso não é suficiente para garantir um “retorno seguro”, já que, ao que parece, a decisão de retorno apagou a complexidade da realidade cotidiana do ambiente escolar e de seus múltiplos sujeitos.

Desse modo, a compreensão da linguagem das HQs, de sua história e seus recursos, conforme enfatiza Costa (2009), mostra-se imprescindível na atualidade. Para o autor, é na linguagem que construímos referências através de diálogos cotidianos, textos e imagens; ela torna possível a produção da memória e dos significados que dão sentido ao mundo em que vivemos.

Parafraseando Batista (2011), a linguagem nos aproxima do mundo, do universo. Ela é um componente material e concreto, mas seu acesso não se dá de forma transparente, objetiva e direta. O contato com a palavra media o acesso à linguagem, que nos chega permeada de significações e de sentidos incompletos. Assim, não somos donos da linguagem, mas por meio dela ensinamos, aprendemos e podemos de alguma forma enxergar e conceituar o mundo.

3.2 A linguagem das Histórias em Quadrinhos: alguns pontos

Como nos diz Ramos (2020, p. 14), “[...] ler quadrinhos é ler sua linguagem, tanto em seu aspecto verbal quanto visual (ou não verbal)”, daí a necessidade de entender e conhecer ao menos seus conceitos básicos, os quais auxiliarão na compreensão da narrativa histórica e no trabalho com esse gênero em sala de aula e em pesquisas científicas sobre o assunto.

De acordo com Costa (2009), no interior da narrativa das Histórias em Quadrinhos, o texto significa a imagem ou vice-versa. Porém, muitas vezes, pode acontecer um fator de redundância na união desses sistemas sígnicos, ou seja, o texto pode descrever de forma exagerada o que a imagem já significa, conforme podemos

ler na figura 5, HQ de Carlos Henrique Iotti, publicada em abril de 2020, pelo site GauchaZH. Temos o contexto de circulação dos dizeres sobre o isolamento social e outras medidas para conter a propagação da covid-19. Nesse mesmo período, o presidente da República havia feito um pronunciamento, mais uma vez, minimizando a

pandemia. Assim, no diálogo das personagens, é possível identificar um “reforço” literal na fala do tatu para a toupeira deixar de ser “toupeira”!

Para estabelecer o efeito de sentido, é preciso que o leitor acione uma bagagem de leitura que indique uma forma possível de interpretar o que foi dito. No cotidiano de nossa comunidade, a associação entre a “toupeira” e alguém que pratica atos pouco inteligentes faz parte de uma memória social. Logo, dizer que o vírus da covid-19 é uma “gripezinha” representa uma atitude bastante limitada, do ponto de vista racional. Só mesmo uma “toupeira” poderia não ver a gravidade disso!

A relação texto/imagem não precisa significar ou materializar a mesma narrativa. Dependendo do que a narrativa pede, pode e deve possuir significados diferenciados, pois dessa maneira dará maior destaque à crítica que está sendo materializada. Nos dois exemplos a seguir, podemos encontrar tal mecanismo em funcionamento.

Observemos a Figura 6, publicada no site de notícia *Brasil 247*, em 3 de dezembro de 2020. Ela materializa de forma interessante o que é apontado por Costa (2009), uma vez que o texto não verbal assinala, de um lado, a tranquilidade de alguém

que ri sobre uma pilha de ossos e, de outro, a aflição de dois indivíduos correndo com

Figura 4 – Gripezinha



Fonte: Iotti (2020).

Figura 5 – Pressa com a vacina? Por quê?



Fonte: Latuff (2020).

seringas gigantes, com vestimentas inscritas com nomes de dois países, Reino Unido e Rússia. O conjunto das imagens parece apontar para uma dada corrida por vacinas, e a pilha de ossos nos mostra um quadro de mortes. Contudo, parece que existe uma contradição entre os sentidos possíveis em parte das imagens e a aparente “tranquilidade” do sujeito descansando sobre a pilha de ossos. Ao confrontarmos o texto não verbal com o texto verbal, podemos perceber a crítica à postura assumida pelo governo do Brasil, uma vez que o enunciado contido no balão da História em Quadrinhos diz: “Praquê essa pressa com a vacina? O Brasil pode esperar, taokei?”. O leitor poderá realizar o processo de leitura que tente compreender a contradição entre a fala do presidente e a situação de crescimento das mortes no país. Nos parece importante apontar que o “desencontro” entre a narrativa do texto verbal e o texto não verbal contribui para constituição da própria crítica realizada.

No curso de materialização desse mesmo discurso sobre a mortalidade em relação à covid-19, tal como vimos enunciado pelo “E daí?”, a Figura 7, publicada pelo Blog da Cidadania, em 13 de maio de 2020, mostra novamente essa suposta contradição entre o que diz o texto verbal e o não verbal, apontando outra possibilidade de sentido. Em outras palavras, ao afirmar verbalmente “Eu não sou coveiro”, o sentido constituído pela relação entre o verbal e o não verbal, além dos variados fatores extralinguísticos, traz para o leitor a ideia contrária, o que produz uma crítica sobre as efetivas ações do governo federal para o



Fonte: Luiz Gê (2020).

enfrentamento da pandemia. Outro ponto que nos parece importante é a ocorrência da expressão “talquei” e suas variações. Ela, no cenário político brasileiro, sinaliza para a figura do presidente da República, uma vez que seu uso é bastante recorrente nas falas do político.

De volta à compreensão formal do gênero História em Quadrinhos, é importante entender a presença de outros elementos para auxiliar a narração de fatos e acontecimentos. Entre esses aspectos, os “balões” são os mais conhecidos (COSTA, 2009), “[...] muito mais do que molduras para as falas, os balões representam um

recurso extra para o quadrinista transmitir sua mensagem” (IANNONE; IANNONE, 1994, p. 69).

Conforme Vergueiro (2007), as Histórias em Quadrinhos, sendo um sistema de significação que utiliza dois códigos em interação, têm como características:

- a) Linguagem visual (icônica) – a imagem desenhada apresenta-se como uma sequência de quadros que transmitem uma mensagem ao leitor, que pode ser uma narrativa ficcional (conto de fadas, história infantil, aventura de um super-herói etc.) ou real (reportagem sobre fatos ou acontecimentos diários, biografia de um personagem ilustre etc.). Na sequência de quadros, a menor unidade narrativa é o quadrinho ou vinheta, organizado no sentido da leitura do texto escrito, ou seja, do alto para baixo e da esquerda para a direita, contribuindo para entendimento da mensagem. A mesma ordem de leitura é aplicada dentro do quadrinho com relação à disposição dos personagens e de suas falas, conforme o exemplo de tirinha, vinheta e balão na Figura 8.

Figura 7 – Exemplo de tirinha, vinheta e balão



Fonte: Iturrusgarai (2020).

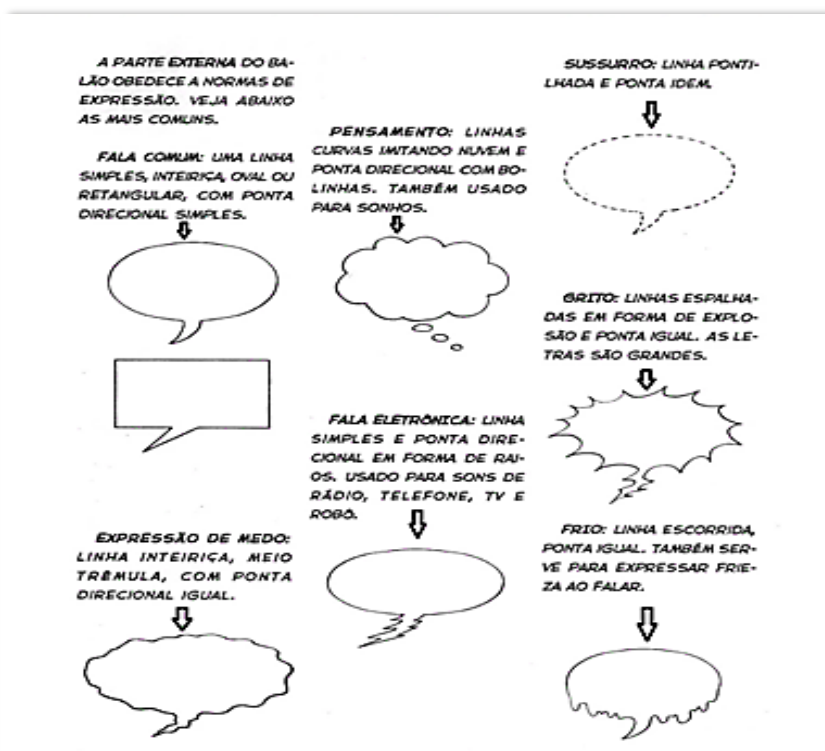
- b) Linguagem verbal (textual) – utilizada nas narrativas para expressar a fala, o pensamento dos personagens, a voz do narrador ou os sons envolvidos. Os elementos que contribuem para isso são o balão, que representa a intersecção entre imagem e palavra; a legenda, que constitui a voz do narrador, colocada no lado esquerdo superior dos quadrinhos, devendo ser lida primeiro, antes da fala dos personagens; e a onomatopeia, que representa ou imita um som por meio de caracteres alfabéticos grandes, quase sempre grafados independentemente dos balões, perto do local que ocorre o som que representam.

As formas dos balões, para Cagnin (1975), variam ao infinito, a partir de duas formas básicas: o balão-fala e o balão-pensamento. De acordo com Ramos (2020), a linha que contorna o corpo do balão, chamada pelo autor de continente, pode adquirir diversos formatos empregados para expressar os sentidos contidos na linguagem dos quadrinhos.

A linha preta e contínua (reta ou curvilínea) do balão é tida como o modelo mais 'neutro', que serve de referência para os demais casos. Esse molde simula a fala, dita em tom de voz normal. Por isso, convencionou-se chamar de balão de fala ou balão-fala. Tudo o que fugir ao balão de fala adquire um sentido diferente e particular. [...] As linhas tracejadas sugerem voz baixa ou sussurro. A forma de nuvem revela o pensamento ou imaginação da figura representada. O sentido dos traços em zigue-zague varia conforme o contexto situacional. Podem indicar, por exemplo, voz alta, gritos, sons eletrônicos. (RAMOS, 2020, p. 36).

Dessa forma, o balão ao adquirir outros contornos continua indicando a fala ou o pensamento da personagem, mas pode expressar conotações de medo, desespero, carinho etc., conforme exemplo de tipos de balões na Figura 9.

Figura 8 – Tipos de balões



Fonte: Oliveira (2013).

Os balões são vistos como o recurso que mais representa os quadrinhos como linguagem. Antes desse aspecto se estabilizar no formato como conhecemos, passou por várias mudanças. Dessa forma, no fim do século XIX, existia o recurso de um balão apontando na direção da pessoa desenhada. O autor cita como exemplo o mecanismo utilizado em *The Yellow Kid* (O Menino Amarelo), produzido nos

Figura 9 – The Yellow Kid (O Menino Amarelo)



Fonte: Outcault (1895).

Estados Unidos a partir de 1895, em que a fala do personagem é mostrada em sua roupa (RAMOS, 2020), como atesta a Figura 10, de autoria de Richard Outcault.

Ao contrário dos balões, não há registros da época em que “a onomatopeia começou a ter importância no desencadeamento expressional dos quadrinhos” (CIRNE, 1971, p. 23). As onomatopeias são palavras que imitam interjeições, sons e ruídos nas HQs. São plásticas, pois, após serem lidas, retomam seu estado sonoro de forma mental. Nas palavras do autor:

O ruído, nos quadrinhos, mais do que sonoro, é visual. Isto porque, diante do papel em branco, os desenhistas estão sempre à procura de novas expressões gráficas, e o efeito de um buum ou de um crash – quando relacionado de modo conflitante com a imagem – é, antes de mais nada, plástico. Esta é uma colocação que qualquer estudioso dos comics faz, pois, – como entenderam em tempo os seus autores – só a exploração planificada de todas as virtualidades gráficas dará aos quadrinhos uma verdadeira dimensão estético-informacional. (CIRNE, 1971, p. 23).

As onomatopeias, para Ramos (2020, p. 79), “[...] se associam muito à língua do país onde foram produzidas”. Como exemplo, Vergueiro (2007) cita a representação do canto de um galo, que, no francês, é “ki-ki-ri-ki-ki” e, no português, “co-co-có-ri-có”. Conforme colocado por este autor, no Brasil, parece existir uma tendência de junção de onomatopeias norte-americanas com outras aportuguesadas, porém necessita um estudo mais aprofundado sobre o tema.

Diante das particularidades que constituem o gênero discursivo Histórias em Quadrinhos e das especificidades de sua linguagem, Ramos (2020, p. 20) nos mostra

que há uma diversidade de gêneros que compartilham da mesma linguagem dos quadrinhos, assim: as características da linguagem são “utilizadas em maior ou menor grau” em gêneros “nomeados de diferentes maneiras”.

Nesse sentido, os quadrinhos são um grande rótulo, ou um *hipergênero*, termo usado por Maingueneau (2004, 2005, 2006 *apud* RAMOS, 2020, p. 20, grifo do autor), “[...] um rótulo que daria as coordenadas para a formatação textual de vários gêneros que compartilhariam diversos elementos”.

Dentre os gêneros que agregam as características dos quadrinhos, Ramos (2020) cita, como exemplo, a charge, o cartum, as tiras cômicas, as tiras seriadas, as tiras cômicas seriadas e vários outros modos de produção das HQs. De acordo com o autor, a charge é um texto de humor, mostrado por um ou dois quadros, composto por linguagens verbal e não verbal. Ela recria de forma ficcional algum fato ou tema ligado ao noticiário atual, comporta crítica e estabelece uma relação intertextual com a notícia abordada. O cartum difere da charge por não estar vinculado a um fato do noticiário jornalístico. Mostrado em apenas um quadro, permite uma sequência narrativa e seu humor advém de situações cotidianas e corriqueiras que envolvem a atitude do ser humano.

O gênero tiras cômicas é construído em um ou mais quadrinhos. Seu formato retangular deu origem ao nome do gênero. Nelas, há a presença de personagens fixos ou não, uma temática ligada ao humor e recursos estratégicos textuais semelhantes a uma piada para gerar o efeito cômico. As tiras seriadas (ou tiras de aventuras) trazem a narrativa diária de um capítulo de uma história maior. “Se as tiras forem acompanhadas em sequência, funcionam como uma história em quadrinhos mais longa.” (RAMOS, 2020, p. 26). Segundo o autor, esse gênero é quase inexistente no Brasil, embora já tenha sido muito popular; ainda é produzido nos Estados Unidos e, até alguns anos atrás, na Argentina.

As tiras cômicas seriadas, segundo Ramos (2020, p. 27), são elaboradas a partir “[...] de um texto que usa elementos próprios às tiras cômicas, como o desfecho inesperado da narrativa e o efeito de humor, mas, ao mesmo tempo, a história é produzida em capítulos, assim como ocorre com a tira de aventuras”.

Conforme é possível perceber, há um universo bastante diversificado e complexo ligado às HQs que merece mais investigações e compreensão. Não é objetivo de nossa pesquisa esgotar esta temática. Contudo, acreditamos ser

importante destacar as possibilidades existentes e assinalar as limitações do trabalho desenvolvido.

3.3 A leitura das Histórias em Quadrinhos e a escola

As Histórias em Quadrinhos como ferramenta pedagógica na construção de dispositivos de leitura atuam como importantes disseminadores de valores e ideologia a partir de textos que conjugam a linguagem verbal e não verbal no processo de produção de sentidos. A familiarização dos alunos com esse gênero, desde a sua utilização nas revistas e gibis, contribui para sua motivação e aceitação como leitura presente na sala de aula.

Para além de questões pontuais de aprendizado de conteúdo, o gênero discursivo História em Quadrinhos tem encontrado destaque no seu uso com o trabalho da linguagem escrita, de acordo com a recomendação dos Parâmetros Curriculares de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental para o uso dos gêneros do discurso no contexto da sala de aula (BRASIL, 1997). Além disso, o gênero em questão é um instrumento bastante usado em processos seletivos e avaliações em grande escala, como o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem).

Por outro lado, a inclusão e aceitação desse gênero no contexto da sala de aula se deu paulatinamente, conforme já apontamos. Vergueiro e Ramos (2009) nos apontam que o fato de levar revistas em quadrinhos para a sala de aula era motivo de repreensão, pois os professores consideravam que as publicações geravam “preguiça mental” e afastavam os alunos da “boa leitura”. Discursos como esses eram desprovidos de embasamento científico e demonstravam desconhecimento sobre a área.

Essa visão equivocada ainda predominou na década de 1980, no Brasil, mesmo após experiências com uso de Histórias em Quadrinhos em livros didáticos. No entanto, a última virada de século representou o coroamento de uma nova fase para as HQs no cenário brasileiro, marcada por mudanças significativas que vieram com a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), em 20 de dezembro de 1996. Isso porque o texto do documento apontava a necessidade de inserção de outras linguagens e manifestações artísticas nos ensinos fundamental e médio (VERGUEIRO; RAMOS, 2009).

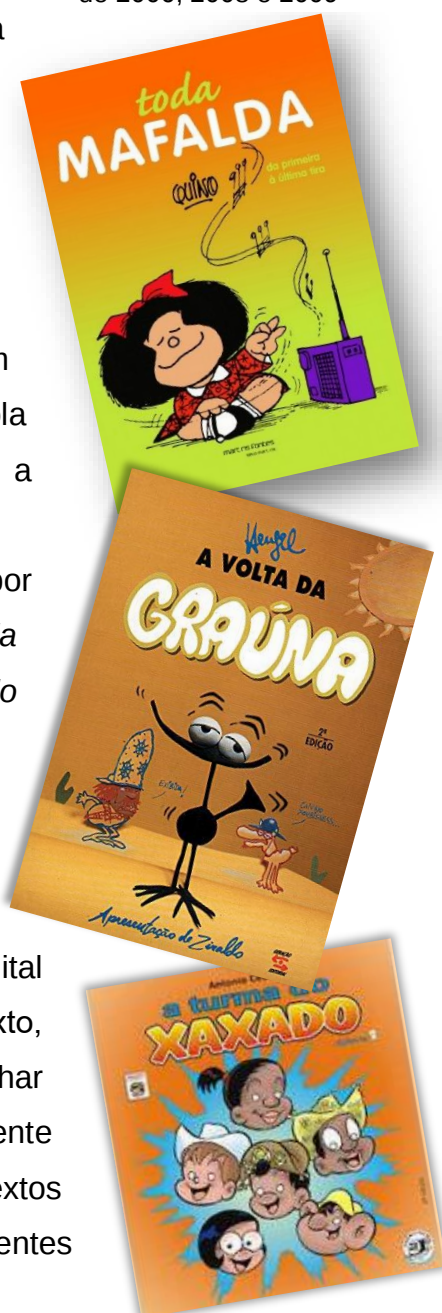
Todavia, os quadrinhos foram oficializados como prática a ser incluída na sala de aula somente no ano seguinte ao da promulgação da LDB, com a elaboração dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN). Vergueiro e Ramos (2009) expõem a necessidade de o aluno ser competente na leitura de HQs de acordo com os parâmetros da área de Artes e de Língua Portuguesa. Os PCN de Língua Portuguesa fazem referência à charge e à leitura crítica que esse gênero demanda e menciona, na mesma proporção, as tiras como um dos gêneros a serem usados em sala de aula. As charges e as tiras são gêneros considerados “adequados para o trabalho com a linguagem escrita” no ensino fundamental.

Figura 10 – Seleção dos anos de 2006, 2008 e 2009

De acordo com Ramos (2017), as tiras são uma forma de história em quadrinhos muito utilizada no ensino brasileiro, presentes em livros didáticos, apostilas, provas de vestibulares e até em documentos oficiais relacionados à educação. Embora sejam curtas, elas reúnem um vasto conteúdo para fins didáticos, a exemplo nas provas do Enem, bem como do Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), que inclui um acervo de tiras entre as obras a serem adquiridas por escolas de todo o país.

Algumas dessas obras selecionadas para compor o acervo nos anos de 2006, 2008 e 2009 são *Toda Mafalda* do desenhista argentino Quino; *A turma do Xaxado*, v. 2, de Antônio Cedraz; *A volta da Graúna*, de Henfil, conforme Figura 11.

Segundo Ramos (2017, p. 175), o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) adota critérios para a escolha das obras didáticas, conforme consta no edital de 2015, a palavra “quadrinho” não aparece em seu texto, de forma explícita, mas uma das exigências para trabalhar nas obras didáticas sinaliza para “[...] abordar efetivamente os modos de ler e de escrever característicos dos textos multimodais e dos hipertextos, promovendo os diferentes letramentos envolvidos em sua leitura e produção”.



Fonte: Ramos (2017).

Conforme citado acima, o autor deixa claro que a exigência abrange o trabalho de leitura no ensino com os textos multimodais, textos característicos das HQs, produções que articulam os elementos da linguagem verbal e não verbal na produção de sentidos. Já que um texto passou a ser trabalhado, então, como atividade que se constitui sócio-historicamente, envolvendo uma rede de interação entre interlocutores, conhecimentos prévios e contextuais no entendimento do texto devem ser acionados. Para além desses pontos, é importante mostrar que existe uma memória que também é história e coletiva, a qual afeta diretamente o processo de leitura das Histórias em Quadrinhos em análise.

4 A LEITURA DISCURSIVA DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

Este capítulo, de forma breve, tem como objetivo principal situar o leitor acerca das possíveis concepções de leitura e de uma dada historicidade do tema quando uma pesquisa discursiva é empreendida. Assim, a primeira parte faz uma discussão a respeito dos sentidos de leitura; depois, realizamos análises a partir de algumas produções de HQs que dão materialidade aos discursos no período pandêmico e constituem algumas imagens possíveis dos agentes sociais envolvidos em tal contexto.

4.1 Ler e interpretar: o recorte discursivo

O termo “leitura”, na sua acepção mais comum, relaciona-se ao exercício de decifrar signos linguísticos presentes em um texto escrito, ou seja, usando a linguagem verbal. Segundo Martins (1994, p. 7), “[...] o ato de ler é usualmente relacionado com a escrita e o leitor visto como decodificador da letra”.

A leitura não acontece apenas na concepção mecânica de decifrar palavras. Destarte, as expressões de uso corrente “fazer a leitura” de um gesto, de uma situação; “ler o olhar de alguém”; “ler o tempo”, “ler o espaço” nos dá a dimensão de que o ato de ler vai além da escrita (MARTINS, 1994, p. 7).

Como já afirmado por Freire (1989, p. 9), “A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele”. Para algumas perspectivas, a leitura só começa a fazer sentido quando acrescenta algo em nós, um interesse, uma experiência, ou está ligada às nossas necessidades comunicativas, conforme preconiza Martins (1994). Além disso, ler é uma tarefa complexa e, de forma alguma, pode ter como ponto de partida, infelizmente, uma suposta neutralidade em trabalhos feitos a partir dos textos que circulam em nosso dia a dia, situação comum no espaço escolar.

Dessa maneira, Orlandi (2008) nos aponta a polissemia da noção de leitura, ou seja, os diversos sentidos em que a palavra é tomada e atribuída. Portanto, nos ocuparemos dessa noção no sentido de interpretação e compreensão, da forma como podem ser delimitados esses sentidos e do recorte realizado na perspectiva discursiva.

Segundo Orlandi (2008, p. 8), “[...] ao assumirmos uma perspectiva discursiva alguns pontos são considerados importantes no percurso da reflexão sobre o estudo da leitura”, como:

- a) o de se pensar a produção da leitura e, logo, a possibilidade de encará-la como possível de ser trabalhada (se não ensinada);
- b) o de que a leitura, tanto quanto a escrita, faz parte do processo de instauração do(s) sentido(s);
- c) o de que o sujeito-leitor tem suas especificidades e sua história;
- d) o de que tanto o sujeito quanto os sentidos são determinados histórica e ideologicamente;
- e) o fato de que há múltiplos e variados modos de leitura;
- f) finalmente, e de forma particular, a noção de que a nossa vida intelectual está intimamente relacionada aos modos e efeitos de leitura de cada época e segmento social.

No processo de leitura na perspectiva discursiva, a autora, diante de tais pontos de reflexão, levanta a questão do conceito de “legibilidade” de um texto. A legibilidade se dá a partir da relação que alguém estabelece com o texto, na produção de leitura, acionando a memória social, a materialidade linguística inscrita no texto e fora dele. “A leitura, portanto, não é uma questão de tudo ou nada, é uma questão de natureza, de condições, de modos de relação, de trabalho, de produção de sentidos, em uma palavra: de historicidade.” (ORLANDI, 2008, p. 9).

No cotidiano escolar, as práticas de leitura podem ser pensadas a partir de uma abordagem discursiva, ancoradas na teoria da Análise do Discurso, com filiação em Pêcheux e outros teóricos e estudiosos que têm contribuído para circulação dessa área no Brasil. A Análise do Discurso, segundo Cazarin (2006, p. 299), não é uma disciplina aplicada diretamente na sala de aula, mas que pode contribuir muito “para o aprofundamento das concepções de leitura, de escrita e de interpretação”.

Na perspectiva discursiva, a prática de leitura vai além de decodificar as palavras e signos. Entende-se, assim, que a linguagem não é transparente, além de decifrar códigos linguísticos, ela é afetada por sua materialidade, que se expressa e concretiza através da língua, o que nos possibilita pensar a leitura do gênero discursivo História em Quadrinhos. Para a Análise do Discurso, a noção de interpretação

[...] passa por ser transparente quando na realidade são muitas e diferentes suas definições. Na maior parte das vezes os teóricos a utilizam como se ela fosse evidente. [...] A interpretação está presente em toda e qualquer manifestação de linguagem. Não há sentido sem interpretação, uma vez que

as diferentes linguagens, ou as diferentes formas de linguagem, com suas diferentes materialidades, significam de modos distintos. [...] sempre passível de equívoco. Dito de outro modo, os sentidos não se fecham, não são evidentes, embora pareçam ser. (ORLANDI, 1996, p. 9).

Assim, como nos ensina Cazarin (2006, p. 299), a leitura, na perspectiva teórica da Análise do Discurso de Michel Pêcheux, “[...] entende que é nas operações de recortar, de extrair, de deslocar, de confrontar que se constitui o dispositivo mais particular de leitura. Essa prática é por ele designada de leitura-trituração”. Isso quer dizer que ler não é apenas saber palavras, mas compreender porque uma determinada coisa foi dita e não outra.

Desse modo, concordamos com Foucault (2008, p. 30, grifo nosso) que afirma que:

O campo dos acontecimentos discursivos, em compensação, é o conjunto sempre finito e efetivamente limitado das únicas sequências linguísticas que tenham sido formuladas: elas bem podem ser inumeráveis e podem, por sua massa, ultrapassar toda capacidade de registro, de memória, ou de leitura: elas constituem, entretanto, um conjunto finito. *Eis a questão que a análise da língua coloca a propósito de qualquer fato de discurso: segundo que regras um enunciado foi construído e, conseqüentemente, segundo que regras outros enunciados semelhantes poderiam ser construídos? A descrição de acontecimentos do discurso coloca uma outra questão bem diferente: como apareceu um determinado enunciado, e não outro em seu lugar?*

Ainda a respeito da questão da leitura na perspectiva da Análise do Discurso, Cazarin (2006, p. 300) ressalta que, “[...] embora o objeto de estudo da AD seja o discurso, é o texto que se constitui como objeto de análise. Mais precisamente, é através de uma dispersão de textos que se chega ao discurso.” É justamente aí que encontramos um ponto importante para pensar o trabalho que agora realizamos, pois não se trata de “ler” palavras, mas de perceber, a partir da materialidade linguística e do jogo de relações possíveis no acontecimento da pandemia de covid-19, a discursividade que se tornou possível em nossa comunidade, constituindo textos como das Histórias em Quadrinhos.

Para melhor compreender um texto, não há que se levar em conta somente os elementos linguísticos, pois ele é também constituído e afetado pela exterioridade da fala que, embora não seja transparente, reflete na/pela materialidade da língua (CAZARIN, 2006).

Assim, observar as Histórias em Quadrinhos em um quadro de práticas de leitura, a partir dos instrumentos teóricos-metodológicos da Análise do Discurso, nos permitiu, e esta foi uma hipótese que nos guiou, compreender o objeto textual em uma dimensão mais complexa, extrapolando a mera codificação linguística. Isso nos levou a entender que a formação do leitor também é uma atividade que aponta para o funcionamento de uma posição sujeito, a do leitor, o qual deve compreender os sentidos como produto de determinadas condições, as quais podem ser analisadas a partir dos discursos. Tudo isso porque “[...] o sujeito, categoria constitutiva do conceito de discurso, não é um *a priori* em relação ao discurso, mas é efeito do próprio funcionamento discursivo.” (MAGALHÃES; KOGAWA, 2019, p. 164). Daí a relevância de compreender o funcionamento discursivo no espaço escolar em relação à leitura.

4.2 Relação entre o texto e o discurso: as imagens no contexto pandêmico

Conforme temos tentado mostrar, o trabalho com a Análise do Discurso nos faz mobilizar uma outra forma de pensar o texto, o qual não está limitado à organização desinteressada de frases, mas pode apontar, constitutivamente, para coerções que estão fora dele, e que atuam na produção dos sentidos. Na história do nascimento da Análise do Discurso, foi possível compreender que “questionamentos diferentes dirigidos ao texto vão construindo dois objetos distintos” (INDURSKY, 2017, p. 48).

As formações imaginárias em torno do objeto do discurso, o soro anti-covid, contextualizadas na HQ da Figura 12, atuam como uma crítica social através do humor pelas vozes materializadas na forma de um cavalo. A relação estabelecida entre linguagem verbal e não verbal materializa aquilo que se tornou possível na rede discursiva no contexto nacional.

Figura 11 – Butantan e a covid



Fonte: Cazo (2021).

O leitor não acessa diretamente as condições de produção do discurso na construção dos sentidos possíveis. Em outros termos, não basta ter acesso ao sistema linguístico para que se alcance o efeito de sentido produzido no material.

Descritivamente, a linguagem verbal, a legenda situada no canto esquerdo superior, “Butantan desenvolve soro anti-covid em cavalos e quer testar em humanos”², informa o assunto da HQ. Pode ser que não seja de conhecimento de alguns, mas o Instituto Butantan é responsável, no país, pela produção de soro contra picada de cobras, aranhas, abelhas e microrganismos. Sua produção envolve a imunização de cavalos com antígenos produzidos a partir de venenos, toxinas ou vírus. O soro anti-covid, além de ser desenvolvido no Butantan, com o uso do vírus inteiro inativado, também é produzido pelo Instituto Vital Brasil, no Rio de Janeiro, a partir da reação dos cavalos a uma das proteínas do coronavírus.

Visualmente, ainda é possível perceber que as falas são representadas na forma do balão zero. A linguagem não verbal está materializada na figura do cavalo e do cientista com uma amostra coletada. O leitor, por meio da HQ, tem acesso ao diálogo entre eles, sendo que o cientista parece surpreso e o cavalo assume uma postura “orgulhosa” por seu feito!

Dessa forma, é possível construir um jogo de imagens: imagem que a figura do cavalo faz de si mesmo, no dito “Sei disso porque não sou burro!”, de quem colabora com o desenvolvimento do soro anti-covid. Podemos nos perguntar, “Disso o quê?”. Qual é o motivo do orgulho ostentado pelo cavalo? Então, se retomarmos ao primeiro balão, encontraremos o enunciado que diz “Espero que funcione. Nessas horas todos temos que colaborar e não tumultuar”. Materialmente, podemos acompanhar o jogo discursivo empreendido não apenas pelo dito, mas pelo não-dito, ou seja, existe “alguém” que não está colaborando e ainda está causando tumulto, diferentemente do cavalo. Além disso, é possível compreender que o sujeito que pode ocupar a posição de “burro” é aquele que não sabe que “Nessas horas todos temos que colaborar”.

A imagem que os sujeitos leitores podem fazer do que é afirmado pelo cavalo remete à memória discursiva que a sociedade tem em torno da ideia de ser “burro”, ou seja, desprovido de inteligência, ignorante. Há, ainda, a imagem que nós, sujeitos leitores, podemos fazer de nós mesmos ao apoiarmos o posicionamento da figura do cavalo em colaborar e não tumultuar, ou daqueles que serão relacionados à imagem do burro, justamente por não apoiar iniciativas como a do cavalo.

² A informação foi veiculada na matéria “Covid-19: o que se sabe sobre soro desenvolvido e em fase de testes pelo Butantan”, disponível no site da BBC News, de 25 de maio de 2021.

Uma relação interessante que nos faz compreender a visibilidade das discursividades pode ser feita na constituição da próxima História em Quadrinhos em que surge, novamente, a figura do burro. A Figura 13, HQ do cartunista Rico, publicada no perfil do Instagram do artista em 17 de junho de 2020, com o título “Charge Continuada”, é um trabalho que dá materialidade aos ditos da HQ “Crime continuado”, do cartunista Renato Aroeira, a qual foi publicada no dia seguinte de uma fala do presidente da República.

Em sua fala³, o presidente encoraja a população a entrar em hospitais públicos para fiscalizar a taxa de ocupação ou não dos leitos de UTI.

Tal atitude foi motivada pela sua desconfiança sobre a divulgação, por parte dos estados, dos números de mortes por covid-19.

A HQ apresenta, em seu signo imagético, uma figura que nos remete simbolicamente ao presidente do Brasil, embora não esteja usando, como geralmente ocorre nesse tipo de representação, a faixa presidencial. Podemos interpretar a posição sujeito dessa forma porque há uma relação direta entre a HQ de Rico e aquela feita por Aroeira.⁴ O “burro” não usa máscara, traja vestimenta formal, terno e gravata, apresenta uma expressão afoita no olhar, com olhos arregalados e atentos, carrega um balde de tinta de cor preta e uma brocha e, com passos largos, corre de forma veloz, sugerindo um estado de fuga/deslocamento. Atrás do presidente, a imagem da cruz vermelha (símbolo universal para serviços da saúde), borrada com as pontas pintadas de preto, formando a suástica (símbolo do Nazismo). No signo verbal, a hashtag “#Somos todos Aroeira” refere-se ao apoio dado a Aroeira, pelos colegas cartunistas, pois ele teve seu trabalho censurado⁵ pelo governo federal.

Figura 13 – Charge continuada



Fonte: Rico (2020).

³ Para saber mais, acesse o vídeo “Bolsonaro sugere a apoiadores que entrem em hospitais para filmar leitos” no YouTube do Jornal O Globo, de 12 de junho de 2020, disponível on-line.

⁴ Para conferir a HQ feita por Aroeira, ver referência de Carvalho (2020).

⁵ Veja a matéria “Sindicatos e associações lançam carta contra censura de charge por governo Bolsonaro”, disponível no site Mídia Ninja, de 16 de junho de 2020.

A descrição que fazemos da materialidade imagética tem a finalidade de reatualizar a HQ do cartunista Aroeira. Porém, não temos como objetivo esgotar todas as possibilidades de leitura, mas apenas apontar a discursividade em torno das pessoas que têm posicionamento similar ao do presidente, as quais são identificadas pela associação da imagem do burro. Assim, nos interessa observar, aqui, que novamente há uma identificação da “imagem” dos sujeitos contrários à ciência e às recomendações sanitárias, como o presidente, que passa a ideia representada pelo burro, de uma pessoa pouco inteligente, que pratica atos impensados.

O enunciado materializado na fala do sujeito enunciador: “Bora invadir outro?”, se liga ao que foi falado no contexto da charge do Aroeira que, por sua vez, retoma as afirmações do presidente. O sujeito enunciador enuncia/fala do lugar que ocupa, de uma posição sujeito que, aqui, é assumida pelo chefe da nação. O “outro”, no enunciado, são os “hospitais”, pois, conforme sugere o pronunciamento, as pessoas deveriam entrar nos hospitais para saber da ocupação dos leitos de UTI.

A imagem do sujeito enunciador aparece associada à figura de burro, de forma literal, porque, na HQ do Aroeira, é a caricatura do presidente que aparece nessa mesma posição visual. Dessa forma, o enunciado “Bora invadir outro?” é uma reatualização daquilo que o cartunista disse, por isso a identificação do burro com a imagem do presidente, devido à memória recuperada do texto do Aroeira. Assim, é possível compreender a constituição de uma rede discursiva que vai se formando no contexto (acontecimento?) da pandemia e indica, ao mesmo tempo, posições distintas, apontando para formações discursivas diferentes em nosso cotidiano.

Dessa forma, podemos compreender que a produção de sentidos é realizada por meio dos processos de leitura e consequentemente de interpretação. Quem lê interpreta, ao interpretar, produz sentidos. “A interpretação está presente em toda e qualquer manifestação da linguagem. Não há sentido sem interpretação”. É interessante, ainda, “pensar os diferentes gestos de interpretação” (ORLANDI, 1996, p. 9).

A Figura 14, HQ do cartunista Aroeira, divulgada no perfil Instagram do artista em 23 de março de 2021, foi publicada após o pronunciamento⁶ do presidente da República Jair Bolsonaro, no dia 23 de março de 2021, veiculado em rede nacional de Rádio e TV.

A linguagem não verbal é materializada pela imagem que caracteriza a figura do presidente da República, fazendo uso de uma máscara branca com um rasgo central na direção do nariz. O instrumento de proteção aparenta ter sido rasgado pelo



Fonte: Aroeira (2021).

“crescimento” significativo do seu nariz, fenômeno tratado adiante. Por outro lado, a linguagem verbal nos apresenta o enunciado “Pronunciaminto”, associado à modificação da forma verbal “pronunciamento”.

A materialidade linguística, conforme descrito anteriormente, não basta para que o sujeito leitor compreenda o que o texto pode dizer. A língua insere-se na história (construindo-a) para significar; a língua significa no contexto sócio-histórico e ideológico, e a significação na exterioridade do texto é também constitutiva desse texto. Dessa maneira, é preciso que haja acesso a uma memória compartilhada que indique que pronunciaMINTO não é somente um “erro” gráfico para pronunciaMENTO. Não se trata disso! Na realidade, uma troca do “e” pelo “i” busca, na rede do enunciável e em um contexto bem delimitado, a ideia do verbo “mentir”, mostrando que o sujeito do enunciado proferiu supostas mentiras em seu pronunciamento, transformando-o em um pronunciaMINTO (Eu minto).

“Minto”, ao que parece, tem ligação com uma formação discursiva ligada à formação ideológica daqueles que criticam e são contrários às ideias do presidente. E “mito” aponta para uma formação discursiva que revela a posição daqueles que a enunciam, demonstrando serem favoráveis às ideias de Bolsonaro. Tal situação é confirmada nas palavras de Fernandes (2005, p. 16):

⁶ Veja detalhes no vídeo do pronunciamento do presidente da República Jair Bolsonaro, disponível no YouTube do Palácio do Planalto, de 23 de março de 2021.

Se na exterioridade do lingüístico, no social, há posições divergentes que se contrastam, nota-se a coexistência de diferentes discursos concomitantes, isto implica diferenças quanto à inscrição ideológica dos sujeitos e grupos sociais em uma mesma sociedade, daí os conflitos, as contradições, pois o sujeito, ao mostrar-se, inscreve-se em um espaço socioideológico e não em outros, enuncia a partir de sua inscrição ideológica; de sua voz, emanam discursos, cujas existências encontram-se na exterioridade das estruturas lingüísticas enunciadas. Porém, o social e o ideológico que possibilitam falar em discursos, assim como o discurso, têm existência na História. Os discursos devem ser pensados em seus processos histórico-sociais de constituição.

A respeito de outro ponto importante sobre a construção da imagem, é possível identificar uma percepção social que nos dá a ideia da mentira. A percepção se deve à circulação de um discurso que está vinculado a uma memória discursiva ligada à formação discursiva literária, a qual pertence o personagem Pinóquio. A história de Pinóquio⁷ é constituída, resumidamente, ao redor de uma narrativa que mostra um “efeito” visível da mentira contada, uma vez que a personagem central da história, o menino de madeira, tem seu nariz alongado cada vez que conta uma mentira.

Conforme poderemos observar em outra ocorrência, a memória discursiva associada ao Pinóquio aparece de duas maneiras distintas na constituição da formulação dos discursos materializados que circularam nas Histórias em Quadrinhos das figuras 14 e 15.

Figura 15 – É verdade esse bilhete

Na Figura 15, do cartunista Jorge Braga, publicada no Instagram do artista em 25 de março de 2021, podemos observar novamente a materialização da formação discursiva a partir do conhecimento literário da figura do Pinóquio. Contudo, diferentemente da produção do Aroeira, a materialidade não verbal é constituída pela figura do presidente, caracterizada não apenas pelo nariz do Pinóquio, mas pelas próprias vestimentas, pela aparência dos



Fonte: Braga (2021).

membros de madeira, tal como o bonequinho da história infantil. A materialidade

⁷ Ver mais em “Histórias e contos”, conforme indicado nas referências finais.

linguística verbal é constituída pelo enunciado “Sempre fui a favor da vacina. É verdade esse ‘bilhete’”.

Há, ainda, um cruzamento das formações discursivas em relação a esse saber literário e a circulação de discursos de enunciados típicos da internet, como, por exemplo, o meme⁸ que surgiu no contexto da internet do menino que assina o bilhete da escola no lugar dos pais e afirma “é verdade esse bilhete”. Desse modo, encontramos, na HQ de Jorge Braga, a relação com a figura de Pinóquio e, além disso, mais uma afirmação de uma memória ligada à existência da mentira, que é o que aponta a existência do “bilhete”. Além disso, o próprio enunciado verbal contido no bilhete aproveita o mecanismo de “negação” pela afirmação que fora constituído pelo meme da internet. Assim, ao dizer: “Sempre fui a favor da vacina”, o leitor poderá interpretar que se trata de uma mentira, uma vez que o mecanismo de leitura do meme foi atualizado.

Tudo isso que estamos tentando apresentar mostra a complexidade das organizações discursivas e a imensa rede de dizeres que vai sendo constituída nas relações de sentido possíveis. Assim, questionamos: Como não levar parte desse movimento interpretativo para o espaço da escola, uma vez que os sujeitos que lá circulam são também sócio-historicamente constituídos?

Por fim, trazemos uma História em Quadrinhos publicada em *O tempo*, em dezembro de 2020. A produção de Eduardo Evangelista, o Duke, dá materialidade humorística ao que foi dito pelo presidente do país, em dezembro de 2020, a respeito do contrato de compra de uma vacina. Segundo Jair Bolsonaro, “Se você virar jacaré⁹, o problema é seu”, em referência aos efeitos possíveis provocados pela tomada do imunizante.

Figura 16 – Eficácia das vacinas



Fonte: Duke (2021).

⁸ Ver matéria “É verdade esse bilhete”: Google aponta meme como um dos mais buscados do ano. G1 Bauru e Marília, 12 dez. 2018.

⁹ Confira a matéria “Bolsonaro diz que não tomará vacina e chama de ‘idiota’ quem o vê como mau exemplo por não se imunizar: ‘Eu já tive o vírus’”. G1 Bahia, 17 dez. 2020.

O contexto que deu origem aos dizeres sobre a vacina e a “reação”, conforme trecho do pronunciamento, foi o seguinte: “Bolsonaro também disse que na negociação com o governo para a compra de vacinas, a Pfizer, dos EUA, impôs como condição que não se responsabilizaria por eventuais efeitos colaterais após aplicação do imunizante.” Após o dito do presidente, “Se você virar jacaré, o problema é seu”, foram criadas não apenas HQs, mas piadas, filtros no Instagram, memes, vídeos etc., além de notícias falsas que indicaram dúvidas sobre a eficácia das vacinas.

A interpretação e compreensão do dito só é possível pelo retorno e conhecimento do não-dito, isto é, o que está implícito, e pelo contexto em que foi produzido o dito. Segundo Orlandi (2020, p. 81), “[...] ao longo do dizer, há toda uma margem de não-ditos que também significam.” Ainda conforme a autora, “Se as novas maneiras de ler, inauguradas pelo dispositivo teórico da análise de discurso, nos indicam que o dizer tem relação com o não-dizer, isto deve ser acolhido metodologicamente e praticado na análise.” (ORLANDI, 2020, p. 80).

Na HQ da Figura 16, a linguagem não verbal é materializada pela imagem de uma mulher e de um jacaré com pernas de ser humano. A linguagem verbal mostra o diálogo entre dois personagens: o interlocutor 1 diz: “Suas pernas ainda estão normais!”; e o interlocutor 2: “A eficácia da vacina é de 78%!!!”. Assim, podemos construir uma possibilidade de sentido em que a crítica ao posicionamento dos agentes públicos que representam a gestão do Planalto se dá pela construção do absurdo, de alguém “literalmente” se transformar em jacaré. E esse movimento marca a composição da crítica feita pela História em Quadrinhos, fazendo oposição, não na superfície textual, mas no jogo proposto, a um posicionamento que questiona ou ainda coloca em dúvida os benefícios da vacinação.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Finalizar um trabalho talvez seja uma ilusão, uma vez que o ponto final esconde uma estrada que ainda poderia ser aberta. Assim, chegamos, aqui, sabendo que nosso trabalho não esgotou a temática proposta e ainda guarda limitações, as quais poderão ser retomadas em outras pesquisas e em outros trabalhos possíveis. Entretanto, o percurso realizado nos mostrou uma grande oportunidade de aprendizado, que não foi simples e nem fácil, porém necessário!

Dessa forma, é possível afirmar que esta pesquisa cumpriu parte de seu propósito e aponta de forma visível para a importância de se compreender o processo de leitura para além da simples decodificação das palavras. O presente estudo procurou estabelecer diálogos a partir de algumas questões como: Como compreender o percurso histórico do gênero História em Quadrinhos e sua possível relação com o contexto escolar? É possível um trabalho de leitura que busque entender o texto para além da decodificação linguística? E, por fim, talvez uma questão que constituiu destaque substancial em nosso trabalho: Como os dizeres a partir do acontecimento da pandemia circularam em nosso cotidiano e nas Histórias em Quadrinhos?

Desse modo, foi possível mostrar, em conformidade com os pesquisadores do tema, que o gênero discursivo História em Quadrinhos percorreu um longo caminho até chegar ao ambiente escolar de modo que sua linguagem alcançasse uma boa aceitação e aplicação na aprendizagem de conteúdos e no trabalho com a leitura.

A linguagem associada à união de texto e imagem passou por mudanças significativas e configurações de sua forma visual. Sua origem é ligada à arte pré-histórica do homem primitivo. Já as Histórias em Quadrinhos surgiram no final do século XIX, com enfoque cômico, e nos anos 1920, a representação de pessoas e objetos despontou com as aventuras de super-heróis.

Além disso, pudemos compreender que tamanha popularidade alcançada gerou a desconfiança por parte de pais e professores de que a leitura dos quadrinhos poderia afastar os jovens leitores da “boa leitura”. Essa visão foi superada com a promulgação da LDB, em 1996, apontando a necessidade de inserção de outras linguagens no ensino, e com os PCN, em 1997, após a inclusão das Histórias em Quadrinhos como prática na sala de aula.

Em nossa pesquisa, fomos guiados pelos instrumentos teóricos-metodológicos da Análise do Discurso, que analisa o discurso e tem como unidade o texto, que se constitui como objeto a ser lido. Observamos o gênero HQ em práticas de leitura que, além da decodificação, buscou a leitura interpretativa em diálogo com o texto, considerando a relação estabelecida com a materialidade linguística presente e sua exterioridade constitutiva, que é historicamente situada.

Ao realizar a leitura dos discursos presentes nos textos analisados das Histórias em Quadrinhos, compreendemos como os dizeres a partir do acontecimento da pandemia deflagrada em 2020 circularam em nosso cotidiano. Os discursos analisados nos permitiram encontrar a formação discursiva pró-ciência (a favor da vacina, por exemplo) e a formação discursiva negacionista (“antivax”). Esse processo discursivo de leitura se mostrou importante para pensar as práticas de leitura que podem circular na escola e construir práticas que consideram a exterioridade, a história e os sujeitos como atravessados pelos dizeres. E, apesar da teoria da Análise do Discurso não ser uma disciplina ensinada na escola, esses instrumentos podem ser usados no trabalho com o texto a partir da formação de professores.

Ao término deste trabalho, foi possível compreender a necessidade de ver a língua do ponto de vista discursivo, além da gramática, da correção ortográfica ou das regras de concordância, e de acessar os conhecimentos extralinguísticos, ou seja, o conhecimento de mundo, o contexto do texto e a rede que pode ser formada por tudo que é dito e não por aquilo que é silenciado.

Antes de começar o curso, achava que o sentido estava no texto, nas palavras! Chegar à uma graduação, com marcas de dificuldade de interpretação em leitura, foi de certa forma determinante para a realização desta pesquisa. Por isso, espero que este trabalho venha contribuir não somente na minha trajetória como pedagoga, mas a quem possa interessar em pesquisar o trabalho com o texto na perspectiva discursiva de leitura.

ICONOGRAFIA

AROEIRA, Renato. Pronunciamento. **Instagram** [do cartunista], 23 mar. 2021. 1 il. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CMyDW06p3yX/?utm_medium=share_sheet. Acesso em: 10. dez. 2021.

BENETT, Alberto. E daí? Opinião, **Folha de São Paulo**, 30 abr. A2, 2020. 1 il. Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=49144&anchor=6411686&origem=busca&originURL=&pd=7191175e79b075d0ae6f684846379dd7>. Acesso em: 25 ago. 2021.

BECK, Alexandre. Retorno às aulas durante a pandemia. **Facebook** [Armandinho], 11 fev. 2021. 1 il. Disponível em: <https://touch.facebook.com/tirasarmandinho/photos/a.488361671209144/4038338476211428/?type=3&source=54>. Acesso em: 22 set. 2021.

BRAGA, Jorge. É verdade esse bilhete. **Instagram** [do cartunista] 25 mar. 2021. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CM2gV5jDGP2/>. Acesso em: 8 out. 2021.

CAZO, Luiz Fernando. #Charge: Butantan e a covid. **Blog do AFTM**, 21 mar. 2021. 1 il. Disponível em: <https://blogdoaftm.com.br/charge-butantan-e-a-covid/>. Acesso em: 21 set. 2021.

DUKE. Eficácia das vacinas. **Instagram** [do cartunista], 8 jan. 2021. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CJysxPMjcoM/>. Acesso em: 5 set. 2021.

IMBROISI, Margaret; MARTINS, Simone. **Arte pré-histórica**. História das Artes, 2021. 1 il. Disponível em: <https://www.historiadasartes.com/nomundo/arte-na-antiguidade/pre-historia/>. Acesso em: 22 nov. 2021.

IOTTI, Carlos Henrique. Gripezinha. Opinião, **GauchaZH**, 4 abr. 2020. 1 il. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/pioneiro/geral/amp/2020/04/iotti-confira-a-charge-deste-final-de-semana-12318075.html>. Acesso em: 4 set. 2021.

ITURRUSGARAI, Adão. A vida como ela é. Ilustrada, **Folha de São Paulo**, 30 abr. 2020. 1 il. Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=49144&anchor=6411738&origem=busca&originURL=&pd=beb7400ac549bb2cc9c73b0d3e50517c>. Acesso em: 10 set. 2021.

LATUFF, Carlos. Pressa com a vacina? Por quê? **Blog Brasil 247**, 3 dez. 2020. 1 il. Disponível em: <https://www.brasil247.com/charges/pressa-com-a-vacina-por-que>. Acesso em: 10 ago. 2021.

LUIZ GÊ. Não sou coveiro. **Blog da Cidadania**, 13 maio 2020. 1 il. Disponível em: <https://blogdacidadania.com.br/2020/05/o-nao-coveiro/nao-sou-coveiro-bx/>. Acesso em: 7 jul. 2021.

OLIVEIRA, Ana Cláudia. Tipos de balões. **Mídia Atividades**, 12 jun. 2013. 1 il. Disponível em: <https://midiatividades.wordpress.com/2013/06/12/identificando-os-baloes-e-onomatopeias-2/>. Acesso em: 8 nov. 2021.

OUTCAULT, Richard. The Yellow Kid (O Menino Amarelo). 1. ed. New York, 17 fev. 1895, EUA. 1 il. **Blog Estúdio Nanquim**. Disponível em: <https://nanquim.com.br/1895-yellow-kid/>. Acesso em: 22 set. 2021.

O TICO-TICO. Jornal das Crianças, Rio de Janeiro, 22 nov. 1905, 1 il. [1905-1961]. In: BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). **Acervo – O Tico-Tico a mais importante revista voltada para o público infanto-juvenil no Brasil**. Disponível em: <https://www.bn.gov.br/explore/curiosidades/acervo-tico-tico-mais-importante-revista-voltada-publico>. Acesso em: 8 set. 2021.

RAMOS, Paulo. **Tiras no ensino**. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2017. p. 174. 1 il.

RICO. Charge continuada. **Instagram** [do cartunista], 17 jun. 2020. 1 il. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CBjY5vdhn5M/>. Acesso em: 10 ago. 2021.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. **Estética da criação verbal**. Tradução Maria Emsantina Galvão G. Pereira, revisão da tradução Marina Appenzellerl. 2' cd. São Paulo: Martins Fontes, 1997. (Coleção Ensino Superior).

BATISTA, Donizete Aparecido. **A análise do discurso e as HQs**. 1^{as} Jornadas Internacionais de Histórias em Quadrinhos. Escola de Comunicações e Artes. Universidade de São Paulo. 23 a 26 ago. 2011.

BOLSONARO diz que não tomará vacina e chama de 'idiota' quem o vê como mau exemplo por não se imunizar: 'Eu já tive o vírus'. **G1 Bahia**, 17 dez. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2020/12/17/bolsonaro-diz-que-nao-tomara-vacina-e-chama-de-idiota-quem-o-ve-como-mau-exemplo-por-nao-se-imunizar-eu-jati-ve-o-virus.ghtml>. Acesso em: 4 dez. 2021.

BOLSONARO sugere a apoiadores que entrem em hospitais para filmar leitos. 1 vídeo (1'31"). **Jornal O Globo**, 12 jun. 2020. Disponível em: <https://youtu.be/hijRwt7BYpU>. Acesso em: 11 dez. 2021.

BRANDÃO, Helena N. **Introdução à análise do discurso**. 2. ed. rev. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2004.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**. Brasília, DF: Secretaria de Educação Fundamental, 1997.

CAGNIN, Antônio Luís. **Os quadrinhos**. São Paulo: Ática, 1975.

CARVALHO, Igor. Em 20 anos, Brasil instaurou 155 inquéritos usando a Lei de Segurança Nacional. **Brasil de Fato**, 26 jun. 2020. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2020/06/26/em-20-anos-brasil-instaurou-155-inqueritos-usando-a-lei-de-seguranca-nacional>. Acesso em: 11 dez. 2021.

CAZARIN, Ercília Ana. A leitura: uma prática discursiva. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, SC, v. 6, n.2, p. 299-313, maio/ago. 2006.

CIRNE, Moacy. **A explosão criativa dos quadrinhos**. Petrópolis: M-Editora Vozes, 1971. p. 23.

COSTA, Robson Santos. As histórias em quadrinhos como gênero discursivo. **Anais do SILEL**, v. 1. Uberlândia: EDUFU, 2009. Disponível em: http://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/pt/arquivos/gt_lg10_artigo_1.pdf. Acesso em: 10 out. 2020.

COVID-19: o que se sabe sobre soro desenvolvido e em fase de testes pelo Butantan. **BBC News**, 25 maio 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2021/05/25/covid-19-o-que-se-sabe-sobre-soro-desenvolvido-e-em-fase-de-testes-pelo-butantan.ghtml>. Acesso em: 21 set. 2021.

'É VERDADE esse bilete': Google aponta meme como um dos mais buscados do ano. **G1 Bauru e Marília**, 12 dez. 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/bauru-marilia/noticia/2018/12/12/e-verdade-esse-bilete-google-aponta-meme-como-um-dos-mais-buscados-do-ano.ghtml>. Acesso em: 12 dez. 2021.

FERNANDES, Cleudemar Alves. **Análise do discurso**: reflexões introdutórias. Goiânia: Trilhas Urbanas, 2005.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Tradução Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. 23. ed. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

GASPARINI, Edmundo N. Análise do discurso e leitura. **Raído**, Dourados, MS, v.9, n.19, número especial, 2015.

GREGOLIN, Maria do Rosario Valencise. A análise do discurso: conceitos e aplicações. **Alfa**, São Paulo, v. 39, p. 13-21, 1995.

HISTÓRIAS e contos. Pinóquio. **Bebe atual**. Disponível em: https://bebeatual.com/historias-pinoquio_102. Acesso em: 11 dez. 2021.

IANNONE, Leila Rentroia; IANNONE, Roberto Antônio. **O mundo das histórias em quadrinhos**. São Paulo: Moderna, 1994.

INDURSKY, Freda. O texto nos estudos da linguagem: especificidades e limites. *In*: LAGAZZI-RODRIGUES, Suzy. (org.). **Introdução às ciências da linguagem**: discurso e textualidade. Campinas, SP: Pontes Editores, 2017. p. 48.

MAGALHÃES, Anderson Salvaterra; KOGAWA, João. **Pensadores da análise do discurso**: uma introdução. Jundiaí, SP: Paco Editorial, 2019.
MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. 19. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

ORLANDI, Eni P. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. 13. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020.

ORLANDI, Eni P. **Discurso e leitura**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

ORLANDI, Eni P. **Interpretação**: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. 3. ed. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 1996.

ORLANDI, Eni. P.; LAGAZZI-RODRIGUES, Suzy. (org.) **Introdução às ciências da linguagem**: discurso e textualidade. Campinas, SP: Pontes Editores, 2017. p. 13-33.

PRONUNCIAMENTO do Presidente da República Jair Bolsonaro. Planalto, Presidência da República, **YouTube**, 23 mar. 2021. Disponível em: <https://youtu.be/9lkEmxeTI-8>. Acesso em: 4 nov. 2021.

RAMOS, Paulo. **Tiras no ensino**. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2017.

RAMOS, Paulo. **A leitura dos quadrinhos**. 2. ed., 2. reimp. São Paulo: Contexto, 2020.

SANTOS, Mariana Oliveira dos; GANZAROLLI, Maria Emília. Histórias em quadrinhos: formando leitores. **TransInformação**, Campinas, v. 23, n.1, p. 63-75, jan./abr. 2011.

SINDICATOS e associações lançam carta contra censura de charge por governo Bolsonaro. **Mídia Ninja**, 16 jun. 2020. Disponível em: <https://midianinja.org/news/sindicatos-e-associacoes-lancam-carta-contra-censura-de-charge-por-governo-bolsonaro/>. Acesso em: 11 dez. 2021.

‘SOU MESSIAS, mas não faço milagre’, diz Bolsonaro sobre mortes por coronavírus. Política, **CNN Brasil**, São Paulo, 28 abr. 2020. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/e-a-vida-diz-bolsonaro-sobre-mortes-por-coronavirus/>. Acesso em: 12 out. 2021.

TAVARES, Mayara Barbosa. **História em quadrinhos não ficcionais**: usos e discursos. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2016.

VERGUEIRO, Waldomiro (org.). **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. Uso das HQs no ensino. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2007. p. 7-29.

VERGUEIRO, Waldomiro; RAMOS, Paulo. (org.). **Quadrinhos na educação**: da rejeição à prática. São Paulo: Contexto, 2009.



**INSTITUTO FEDERAL
DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA**
Goiás

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE
GOIÁS

Documento Digitalizado Público

Trabalho de Conclusão de Curso - TCC Versão Final

Assunto: Trabalho de Conclusão de Curso - TCC Versão Final

Assinado por: Matheus Souza

Tipo do Documento: Documentos

Situação: Finalizado

Nível de Acesso: Público

Tipo do Conferência: Cópia Simples

Documento assinado eletronicamente por:

- **Matheus Pereira de Souza, ASSISTENTE EM ADMINISTRACAO**, em 07/04/2022 16:21:01.

Este documento foi armazenado no SUAP em 07/04/2022. Para comprovar sua integridade, faça a leitura do QRCode ao lado ou acesse <https://suap.ifg.edu.br/verificar-documento-externo/> e forneça os dados abaixo:

Código Verificador: 268020

Código de Autenticação: 42e0b8c8c3

